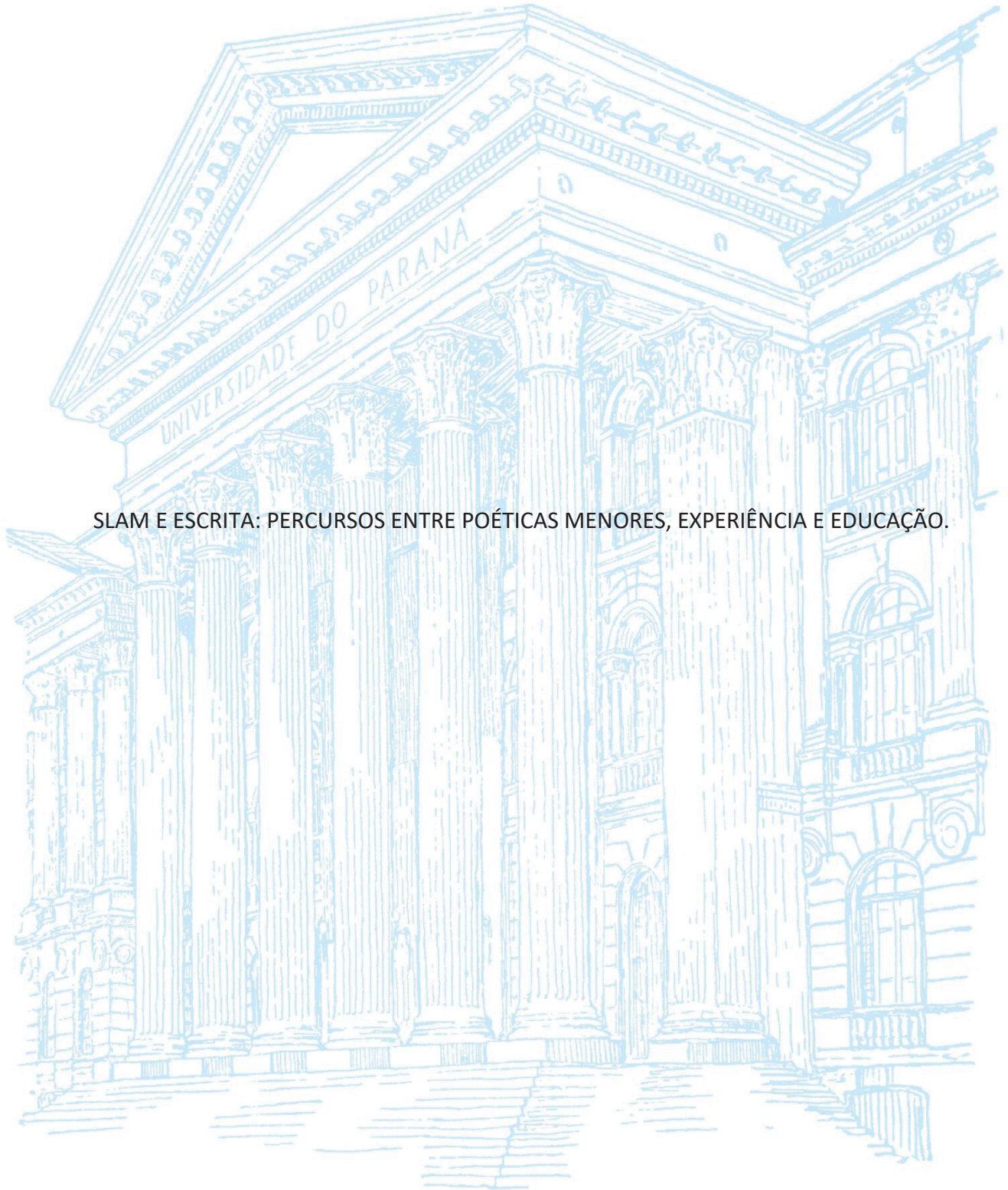


UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ – UFPR

GIZELE CRISTIANA CARNEIRO



SLAM E ESCRITA: PERCURSOS ENTRE POÉTICAS MENORES, EXPERIÊNCIA E EDUCAÇÃO.

CURITIBA
2022

GIZELE CRISTIANA CARNEIRO

SLAM E ESCRITA: PERCURSOS ENTRE POÉTICAS MENORES, EXPERIÊNCIA E EDUCAÇÃO.

Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação em Educação: Teoria e Prática de Ensino, Setor de Educação, Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientadora: Prof. Dr. Kátia Maria Kasper

CURITIBA

2022

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SISTEMA DE BIBLIOTECAS – BIBLIOTECA DO CAMPUS REBOUÇAS

Carneiro, Gizele Cristiana

Slam e escrita : percursos entre poéticas menores, experiência e educação / Gizele Cristiana Carneiro. – Curitiba, 2022.

1 recurso on-line : PDF.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Paraná, Setor de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação. Orientadora: Prof^a Dr^a Kátia Maria Kasper

1. Poesia – Estudo e ensino. 2. Interpretação oral da poesia. 3. Escrita – Conhecimentos e aprendizagem. 4. Escrita – Educação. 5. Internet. I. Kasper, Kátia Maria. II. Universidade Federal do Paraná. Programa de Pós-Graduação em Educação. III. Título.

Bibliotecária: Maria Teresa Alves Gonzati CRB-9/1584



TERMO DE APROVAÇÃO

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação EDUCAÇÃO: TEORIA E PRÁTICA DE ENSINO da Universidade Federal do Paraná foram convocados para realizar a arguição da dissertação de Mestrado de **GIZELE CRISTIANA CARNEIRO** intitulada: **Slam e escrita: percursos entre poéticas menores, experiência e educação.**, sob orientação da Profa. Dra. KÁTIA MARIA KASPER, que após terem inquirido a aluna e realizada a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua APROVAÇÃO no rito de defesa.

A outorga do título de mestra está sujeita à homologação pelo colegiado, ao atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca e ao pleno atendimento das demandas regimentais do Programa de Pós-Graduação.

CURITIBA, 23 de Fevereiro de 2022.

Assinatura Eletrônica

04/03/2022 12:04:45.0

KÁTIA MARIA KASPER

Presidente da Banca Examinadora

Assinatura Eletrônica

11/03/2022 10:09:39.0

NINZIA CECILIA RIBAS BORGES TEIXEIRA

Avaliador Externo (UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CENTRO-OESTE)

Assinatura Eletrônica

04/03/2022 16:38:22.0

RAFAEL GINANE BEZERRA

Avaliador Interno (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ)

*Aos meus pretinhos,
Rhamon e Lucca.*

AGRADECIMENTO

É doce o caminho que se fez até aqui.

É doce a existência construída na companhia de vocês.

Agradeço!

À professora Kátia, minha orientadora, por acolher com caloroso sorriso minha intenção de pesquisa e trazer-me com grande confiança para perto.

Aos meus filhos, Rhamon e Lucca, pelo amor paciente cultivado durante os momentos de uma presença ausente.

À tripulação do *SemNomeAinda*: Aline, Camila, Fernanda, Franceline, Gabriela, Jair, Kátia, Liana, Maiara, Thalita e Victor que navega comigo na última astronave, além do infinito, clamando por outros mundos possíveis.

Ao *Slam* das Gurias pela firmeza e persistência em manter um espaço de escuta e de clamar poético.

Ao Arthur, meu amigo...meu amor, por estar a meu lado, pela escuta atenta e por fabular comigo uma existência riacho que deságua neste encontro.

Ao Flavio e ao Ricardo, amores que a vida me deu, por ampararem minhas escolhas e colaborarem, cada um a seu modo, neste caminhar.

À Tati e à Lorena, amadas amigas, que me ajudam a olhar meus escritos e minha trajetória com amorosidade.

À Ana e ao João, amigos amáveis, presentes da vida que fortaleceram este trajeto.

À professora Níncia pela leitura respeitosa e acolhedora de meu trabalho e por cultivar em mim, desde a graduação, vontade de ocupar um lugar na escrita.

Ao professor Rafael pela leitura afetuosa e poética de meu texto.

À minha mãe Leonilda, ao meu pai Laertes, à minha irmã Michelle, ao meu irmão Alex, à minha tia Érica por seguirem, mesmo que distantes, confiantes em minhas escolhas.

À direção do Colégio Jayme Canet pelo apoio em todo o processo formativo.

*[...] finalmente, escrevo porque tenho medo de escrever, mas tenho um medo maior de não
escrever [...]*

Gloria Anzaldúa

RESUMO

Esta pesquisa tem como plano de experimentação cartográfica as batalhas de poesia falada do coletivo de rua *slam* das Gurias. Acolhe o incômodo trazido pela pandemia global, refaz o trajeto a ser percorrido pela cartógrafa e apresenta como se deu a reconstituição dos modos de estar coletivamente quando da ausência da rua. Fia uma narrativa na qual a professora-pesquisadora discorre sobre a experiência como um acontecimento dado pelo encontro, perspectiva essa trazida por Larrosa e por Deleuze e Parnet. Realinha modos de acompanhar o processo de criação do *slam* em ocupação às redes sociais; reinventa maneiras de estar em sala de aula em conversa com Silvio Gallo, Ailton Krenak e Kátia Kasper; ensaia o escrito de sua cartografia e revela uma escritora em si em agenciamento com as poéticas menores, com o grupo de orientação e de pesquisa que integra, e com as leituras trazidas por ele. Cartografia de um processo criativo que instaura um espaço de escrever e dizer poesias e se abre como campo que possibilita a prática de educações menores.

Palavras-chave: slam; cartografia; poética menor; educação; escrita.

ABSTRACT

This research has as a plan of cartographic experimentation the spoken poetry battles of the street collective slam das Gurias. It welcomes the discomfort brought about by the global pandemic, retraces the path to be followed by the cartographer and presents how the reconstitution of ways of being collectively took place when the street was absent. There is a narrative in which the teacher-researcher talks about the experience as an event given by the encounter, a perspective brought by Larrosa and by Deleuze and Parnet. Realigns ways to follow the slam creation process in occupation of social networks; reinvents ways of being in the classroom in conversation with Silvio Gallo, Ailton Krenak and Kátia Kasper; rehearses the writing of her cartography and reveals a writer herself in agency with the minor poetics, with the guidance and research group she integrates, and with the readings brought by it. Cartography of a creative process that establishes a space for writing and saying poetry and opens up as a field that enables the practice of minor educations.

Keywords: slam; cartography; minor poetics; education; writing.

SUMÁRIO

PRELÚDIO DO POSSÍVEL: UM CARTOGRAFAR POR JANELAS.....	13
PRELÚDIO DO (IM)POSSÍVEL.....	15
DOS PRELÚDIOS, O CAMINHO.....	17
I. ADIANDO O FIM EM UM ENCONTRO COM O SEMNOMEAINDA.....	19
O QUE PODE UM GRUPO DE PESQUISA?.....	22
QUE PALAVRAS DIZEM DAS INTENSIDADES DO ENCONTRO?.....	26
II. COMO SE CONCEBE UM CORPO-CARTÓGRAFA?.....	28
DO CORPO ISOLADO.....	36
DO CORPO À EXPERIÊNCIA.....	38
DO CORPO AOS CORPOS.....	41
DO CORPO À EDUCAÇÃO MENOR.....	47
DO CORPO AO SLAM.....	52
DO SLAM AO CORPO.....	55
III. UMA CARTOGRAFIA DE MEMÓRIA.....	57
DA PESQUISADORA QUE FUI: ESCRITA 1.....	59
DA PESQUISADORA QUE FUI: ESCRITA 2.....	61
RUÍDOS DA MEMÓRIA: REITORIA.....	65
RUÍDOS DA MEMÓRIA: PALÁCIO DOS ESTUDANTES.....	68
IV. UMA CARTOGRAFIA NO POSSÍVEL DO AGORA.....	74
V. UMA CARTOGRAFIA DO POÉTICO.....	76
COMPOR TEIAS POÉTICAS.....	78
VI. DAS JANELAS À RUA.....	90
VII. UMA POÉTICA EM TRAVESSIA.....	93
REFERÊNCIAS.....	94
APÊNDICE.....	98







PRELÚDIO DO POSSÍVEL¹

Um cartografar por janelas

Nem tudo aquilo que se diz inesperado se apresenta da mesma maneira. Alguns, quando chegam, são rapidamente acomodados porque semelhantes a outros tantos. Mal exclamamos nossa surpresa, deixa de sê-la. E seguimos em nossos conformes.

Outros, no entanto, mostram configurações não ajustáveis ao encaixe de ser, meramente, um fato inesperado. Junta-se a ele uma variação de palavras prefixadas em partículas de *nãos*:

impensável,

inacreditável,

impossível,

incompreensível!

Nenhuma o ajusta.

Diante do desconhecido, ordena-se, então: isolar-se, paralisar!

Garantir a continuidade da vida nesses termos só se apresentava como reconhecível no campo da ficção ou nos idos da História.

Aos poucos, a repetição confinada dos dias emite sinais de um estranhamento em fluxo permanente. O costumeiro modo de estar é atravessado pelas exigências de uma pandemia de proporções globais. A recolha - em um cenário onde se impõe a muitos corpos o arremesso descaso - torna-se uma urgência vital!

Disso, nos demos a converter os lugares de habitar em janelas que se abrem pela tela do computador.

¹ Este prelúdio se fez no meio. Quando da necessidade de falar do lugar criado para o possível *criar* de uma pesquisa nestes tempos. Por isso, talvez, algumas das informações que localizam quem me lê sobre o desenho desta cartografia não estejam neste escrito do meio, mas nos que seguem. O convite é para seguir.

PRELÚDIO DO (IM)POSSÍVEL

Desconfio que não sei mais dançar. Não só isso. Também desconfio que não sei mais como é estar entre corpos que se movem, se tocam, se aquecem, se arrepiam. Dia desses fui tomada de uma saudade de rua. Não desta que vejo por entre as grades de minha janela, que expressa freneticamente que as coisas não podem parar. Não importa a que vida, não podem parar. Não importa a que avó, não podem parar. Não importa a que paixão, não podem parar. Dessa, quero o direito à medida protetiva vitalícia que garanta o afastamento. Da rua, quero a outra. Aquela que me tira para dançar, que me leva ao samba, que provoca beijos públicos, que me embriaga, que me põe desajustada. Da rua, quero a outra. Aquela que me carrega em marchinhas, que me põe em roda com Marias, que me faz cantar em desalinho, que me finaliza em des-foco. Da rua, eu quero a rua!

Experimentações poéticas da autora

O desenho desta pesquisa teve início em setembro de 2019. Acompanhar um movimento de rua, uma batalha de poesia para criar com ela, era o que se rascunhava naquele momento. Professora de Língua Portuguesa e Literatura da rede pública estadual do Paraná, com paragens em lugares outros de educar e de modos outros de educar, acheguei-me ao *slam* das Gúrias, tomada de encantamento e curiosidade pelo que ali se produzia. Batalha de poesia falada, organizada a partir de um encontro mensal, em tardes de sábados – no pátio do Campus da Reitoria da Universidade Federal do Paraná, em Curitiba – o *slam* tinha pouco mais de nove meses de atuação.

Surge, segundo a voz de uma de suas criadoras - a poeta Jaquelivre² - pela necessidade de instaurar um espaço onde meninas e mulheres tirassem do bolso [do corpo] seus escritos poéticos e os lançassem na roda.

Era preciso instaurar!

Acompanhar a movência poética desses encontros na rua, acolher o que desses ressoa no corpo-professora-pesquisadora-escritora, espiar como se dava a constituição deste espaço de dizer e de ouvir poemas, as possíveis educações forjadas ali e cartografar tal paisagem, eram matéria de expressão desta pesquisa.

² Em prefácio redigido pela poeta Jaquelivre para o e-book ***Slam da Gúrias – Vozes que ecoam***. Disponível em: https://naomekahlo.com/wp-content/uploads/2021/04/Livro-Slam-das-Gurias.pdf?utm_campaign=N%C3%A3o%20Me%20Kahlo&utm_medium=email&utm_source=Revue%20news%20letter. Acesso em: 27 de set. 2021.

Era preciso acompanhar!

O anúncio da pandemia global tirou a rua do *slam* e o *slam* da rua. O desmanchamento desta primeira paisagem convocou-me a um redesenho. Os meses seguintes ao anúncio foram atravessados pela incerteza. Pesquisar um processo criativo que se potencializa na presença física dos corpos, no acompanhar dos gestos, na troca de olhares, na acústica sem atraso, na composição melódica de todos os ruídos orquestrados da rua sem a rua, seria possível?

Nesse cenário, o *slam* das Gurias instala palco em ocupação a outros espaços: os virtuais. De início, o movimento performático dos corpos visto em sua totalidade na cadência do clamar poético deu lugar a rostos planificados em telas que travam, vozes entrecortadas e uma plateia silenciosa. E, também, por um momento, muito se travou, muito se entrecortou e se silenciou na pesquisa.

De lá, sigo acompanhando a reconstituição de territórios feita pelo *slam* das Gurias, assim como reconstituo o meu. Sigo curiosa pelo que ali insiste em elaborar como espaço do poético, de educações; me dou a traçar outras linhas cartográficas atravessadas pelos encontros em isolamento; e pelo revelar de uma escrita [escritora] por muito aquietada em mim. Mas, não mais!

Sigo compondo com o possível.

DOS PRELÚDIOS, O CAMINHO

O que importa é que ele esteja atento às estratégias do desejo em qualquer fenômeno da existência humana que se propõe perscrutar [...] Para isso, o cartógrafo absorve matérias de qualquer procedência. Não tem o menor racismo de frequência, linguagem ou estilo. Tudo o que der língua para os movimentos do desejo, tudo o que servir para cunhar matéria de expressão e criar sentido, para ele é bem-vindo. Todas as entradas são boas, desde que as saídas sejam múltiplas.

Suely Rolnik

A possibilidade da experiência supõe, portanto, a suspensão de uma série de vontades: a vontade de identificar, a vontade de representar, a vontade de compreender. A possibilidade da experiência supõe, em suma, que o real se mantenha em sua alteridade constitutiva.

Jorge Larrosa

Traçar um escrito no qual seja possível narrar o surgimento de um plano de experiência, resultante do acompanhamento de um processo criativo é o que se inscreve nesta pesquisa. A cartografia³ é o método acolhido.

Diz de um modo de conduzir pesquisa no qual a proposta é permitir-se partir, é dar-se a flutuar pelo campo que se acompanha ao mesmo tempo em que se desenha o percurso dos afetos que o atravessam.

Diz de cartografar afetos.

É dar-se a caminhar por rotas que surgem a cada movimento feito. Operar, ali, com as intensidades que buscam expressão (ROLNIK, 2016).

Áudios gravados nas saídas de campo, escritos esparsos e concisos do caderninho de anotações, corpo em isolamento, olhar perdido entre as grades da janela, encontro com o grupo de pesquisa, com leituras, com saraus virtuais do *slam* das Gurias... agenciamentos que compõem o possível desta pesquisa.

³ DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs: Capitalismo e esquizofrenia**. Tradução de: NETO, Aurélio Guerra; COSTA, Célia Pinto. 2. ed. Rio de Janeiro: Ed. 34, 2011. v.1.

Registros fotográficos também a constituíram. Captura dos espaços ocupados pelo corpo isolado. Espaços de aparência estática, inerte, imóvel. Captura do corpo isolado pelo estático do espaço. Captura movente.

Nada a identificar, nada a representar, nada a compreender. Experimentar as intensidades surgidas na fricção do encontro. Criar um mapa nas experimentações com as paisagens instauradas em travessia. Cartografar.

Deste mapa, a grafia se dá assim:

ADIANDO O FIM EM UM ENCONTRO COM O *SEM NOME AINDA* diz sobre como se deu o caminhar com a escrita mesmo que em um cenário pandêmico; diz sobre o encontro com o grupo de pesquisa e com os textos trazidos por ele resultando na descoberta de um modo de dizer a pesquisa. Um modo de dizer pelo ensaio.

COMO SE CONCEBE UM CORPO-CARTÓGRAFA? diz sobre buscar a desautomatização da percepção, do gesto, do olhar, para que seja possível ao corpo-pesquisadora o contato intensivo com a paisagem que se quer cartografar. Diz sobre perceber os afetos que atravessam um corpo em isolamento; experimentar tais afetos; criar com este corpo afetado.

UMA CARTOGRAFIA DE MEMÓRIA diz sobre a condução desta narrativa dada pela lembrança que se tem da rua. Retomada de áudios e textos e anotações produzidas antes da suspensão dos encontros físicos delinearão este mapa.

UMA CARTOGRAFIA NO POSSÍVEL DO AGORA diz sobre o movimento de ocupação das redes sociais pelos saraus do *slam* das Gurias; sobre experimentar outros modos de estar e de compor com os espaços que se apresentam pelas janelas do computador.

UMA CARTOGRAFIA DO POÉTICO diz sobre compor com os poemas recitados em alguns saraus virtuais.

DAS JANELAS À RUA diz sobre a primeira saída de campo após dois anos de isolamento; do reencontro do corpo-cartógrafa com a rua, seus coloridos e alaridos.

UMA POÉTICA EM TRAVEESSIA diz sobre a escrita como um acontecimento; sobre o encontro com um modo de dizer que atravessou o corpo pesquisadora-professora; sobre uma escrita que fecundou outros modos de ser e de estar nos espaços.

I. ADIANDO O FIM EM UM ENCONTRO COM O SEMNOMEAINDA

O encontro é uma ferida. Uma ferida que, de uma maneira tão delicada quanto brutal, alarga o possível e o pensável, sinalizando outros mundos e outros modos para se viver juntos, ao mesmo tempo que subtrai passado e futuro com a sua emergência disruptiva[...]Viver Juntos é, tão somente, adiar o fim.

João Fiadeiro e Fernanda Eugénio - *O encontro é uma ferida*

Esta escrita me chega como uma tentativa de adiar o fim do mundo.

E um adiamento pode se dar - como sugere Ailton Krenak (2019) - no contar de mais uma história, no convidar para mais uma conversa, no mover de mais um encontro. Aqui, a tentativa se dá na composição deste texto.

Em meio ao desmoronamento de mundos, a um quase apocalipse que nos mantém em isolamento social⁴ há mais de 15 meses, busco em gravações de uma pesquisa embrionária⁵ matérias audíveis para forjar as palavras que ficaram em suspenso. O ritual que se adotou foi: fechar os olhos, ajustar os fones e me entregar à escuta dos ruídos que constituem a memória de um espaço de pulsação. Ruídos de carros, de gentes, de vida, de rua.

[De repente, um flagrante. Percebo que oscilo o volume ora para mais, ora para menos. Ora para muito menos. O corpo afastado da rua acostumou rápido à ausência do tropel. Recuso. Não há conformação com isso. Sei da encantaria da rua (SIMAS, 2020). Deixo passar. Retomo.]

⁴ É possível retomar o histórico da pandemia global no artigo intitulado: **Emergência do novo coronavírus (SARS-CoV-2) e o papel de uma vigilância nacional em saúde oportuna e efetiva**. Disponível em: <https://scielosp.org/article/csp/2020.v36n3/e00019620/>. Acesso em: 23 de set. de 2021.

⁵ A pesquisa teve seu início na primavera de 2019, seis meses antes do anúncio da pandemia em proporções globais. Na ocasião, pus-me a gravar áudios das batalhas acompanhadas na intenção de retomar – para além das anotações - fragmentos sonoros que, porventura, se dispersaram de meus ouvidos. Reconstruo, pois, a pesquisa partindo dessa captura.

Entre o vão do edifício D. Pedro I e a cantina do campus da Reitoria da Universidade Federal do Paraná, o palco. Delimitado por corpos em círculo assentados ao chão, a convocatória se fazia no grito:

Slam?!

Poesia!

Slam?!

Das gurias!

A partir daí, o que se via era uma batalha construída na base da rima e do verso. O *slam* das Gurias CWB - batalha de poesia falada - reunia uma vez por mês, sempre aos sábados, meninas e mulheres - *mas não só* - vindas de todos os cantos da cidade para compartilhar o que se produz como vida, como existência, como esquecimento, como fôlego: seus poemas.

Uma pausa se fez.

Esta escrita é uma tentativa de adiar o fim do mundo porque o sentimento que me toma é o de que lá atrás, e somente lá atrás, há um mundo onde uma pesquisa que se propõe a acompanhar um processo de criação, de produção de vida, seja possível. Só lá atrás, naquele mundo que não mais este, se é possível o acompanhar da vida.

Disso, instaurou-se um conflito.

Grudada àquele mundo, vasculho entre escombros os encontros que não se deram. A pesquisadora que fui – ainda marcada por uma prática acadêmica de repetição e representação, trazida de outras paragens – clama por um lugar familiar onde possa prostrar-se diante do que se denomina(va) objeto de pesquisa para então dissecá-lo em já formatadas palavras.

Encaixá-lo em.

Tenho recordação disso.

Ainda naquele mundo, a pesquisadora que fui, saiu a campo por três momentos. E por três momentos o ato foi: prostrar-se diante de, dissecar, formatar palavras.

Mas, foi na pausa que um *outro* encontro se experimentou.

Um encontro atravessado em conversas com Deleuze e Guattari (1977; 1996; 2011) e Kasper (2014; 2016; 2018; 2019) e Krenak (2019; 2021) e Larrosa (2004; 2014; 2020) e Rolnik (1996; 2016; 2019) e Gallo (2015; 2016) e Gurias e...muito intensamente, com o grupo de pesquisa *SemNomeAinda...* e é dele que me sinto ocupar agora.

É preciso narrar encontros alegres!

O que pode um grupo de pesquisa?

Talvez essa pergunta seja uma entrada possível mais por acionar em mim o movimento reflexivo, do que por uma tentativa de justificar a existência do grupo de forma pragmática.

Percorro, assim, as páginas do caderno de anotações para tecer uma intenção de resposta sempre em alinhavo, no possível de _____ ali adiante ___ um ___ des-fazer ___ e um ___ re-fazer ___ contínuo.

Deparo-me com o seguinte registro:

Anotações do dia 12/09/2020

Esta escrita se traça em momento no qual encontros físicos não são possíveis. Ainda assim, a experiência de estar em um grupo de pesquisa no qual o “logar junto”, o afeto, e o que se produz disso é o que importa, garante a mim certa tranquilidade nesta passagem. Senti necessidade de falar sobre isso. Por muito, creio que não poderia estar em outro grupo que não neste. Tenho aprendido a observar, a criar novas existências, novos modos de estar com as coisas do mundo e “dar língua aos afetos que pedem passagem”. Estar com as formigas, com os cupins, com as samambaias, com as pombas, com as teias de aranha, com o bolor, com os descascados da parede, com o desgaste da tinta, com o meu corpo aos 40 anos, ainda que entre muitas contradições, e com a insegurança de uma pesquisa em suspenso.

Uma pesquisa com a rua, sem a rua!

Um grupo de pesquisa pode e *pulsa* muitas coisas.

Inclusive, o suscitar de forma curiosa uma desconfiança que brinca com o inexplicável, sabedoria infantil para justificar as coisas. Sabedoria certa. Como se já soubesse da suspensão do mundo, por cochicho do vento (quem sabe?), dizer – em meados de 2019 – que em pesquisa é preciso aprender a olhar aquilo que se desmancha e criar com ele. Que é preciso aprender a entrar neste mundo em desmanchamento para, ao mesmo tempo, ir criando com ele. Poder dizer que a pesquisa é uma cidade a ser construída. É a elaboração de um território que estava *chegando*...assim, com verbo em gerúndio, sugerindo uma ação não concluída no passado...como de fato, mas prolongada no agora. Prolongada no agora com outros atravessamentos.

Um grupo de pesquisa move um encontro que se inscreve como descoberta de mundos. Um espaço no qual se instaura modos de estar juntas permeados pelo afeto e pela disponibilidade às afetações. Instaura-se, também, um campo de experimentações pela fala, pela escuta e pelas leituras potencialmente compartilhadas. Um encontro que move agenciamentos.

Um agenciamento é precisamente este crescimento das dimensões numa multiplicidade que muda necessariamente de natureza à medida que ela aumenta suas conexões. Não existem pontos ou posições num rizoma como se encontra numa estrutura, numa árvore, numa raiz. Existem somente linhas. (DELEUZE; GUATTARI, 2019, p. 24)

A ideia colada a um grupo de pesquisa como, tão somente, um ambiente de repetição e de confirmação de “entidades” teóricas, de performance de posturas institucionais, se desfaz. Abre-se espaço para a instauração orgânica da experiência. Euforia no corpo-pesquisadora. Euforia manifesta do acontecimento pelo encontro.

Vejo-me como Ana, em Amor, de Clarice Lispector. Sinto a surpresa epifânica do acidental. O mesmo acidental encontro com o Cego que masca chicletes e provoca o desvendamento de mundos. Um acontecimento revelador de uma vida organizada pela repetição de movimentos familiares. Sempre os mesmos. Manutenção da ordem das coisas como para impedir a fricção que abala, desmonta e sugere a criação de outros movimentos.

O sobressalto é pelo que se apresentou como possibilidade de constituição de outros planos de existência. Criar para além das subjetividades capitalísticas (GUATTARI; ROLNIK, 1996; ROLNIK, 2019). Uma linha que se espraia. Uma produção pelas fissuras. Um encontro

com aquilo que escapa ao instituído pelo entendimento do que pode ser a multiplicidade dos corpos quando se encontram no acaso da vida. Cessar o sabido e perambular em coletividade. Me dou à criação de outros mapas.

De tais reapropriações coletivas da pulsão depende a possibilidade de constituição de campos favorecedores da emergência de um “acontecimento” - isto é, a emergência de uma transfiguração efetiva na trama social. **Esta resulta da germinação dos embriões de mundos que ressoaram entre os corpos e os levaram a unir-se, produzindo ninho para o nascimento de outros modos de existência e suas respectivas cartografias.**⁶ (ROLNIK, 2019, p. 142)

Reelaboro, assim, outras entradas de afetação e me deixo capturar pelo *SemNomeAinda*. Estabeleço uma relação cativa no sentido de encantamento. Ao menor aceno de retomada da decodificação, renuncio. Não há código que abarque a força produtora do encontro. Pois, instável. A instabilidade se processa como abertura constante para tudo que fisga a pele. Não há recusa do que chega como acontecimento.

Não há!

Sabendo da ferida, não repele o tombo. Aceita! (FIADEIRO; EUGÉNIO, 2012).

⁶ Grifo meu.

Anotações do dia (sem data)

Os encontros têm sido uma ferida!

Dessas feridas que acontecem de machucaduras raladas em asfalto e que nos colocam diante de um atravessamento de camadas da pele pouco sabidas. Dessas feridas que, ao menor indício de cicatrização, se choca e sangra para nos lembrar que a vida acontece o tempo todo. O tempo todo.

OTEMPOTODOTEMPOTODOTEMPOTODOTEMPOTODOTEMPOTODOTEMPO!

Que palavras dizem das intensidades do encontro?

O que necessitamos talvez não seja uma língua que nos permita objetivar o mundo, uma língua que nos dê a verdade do que são as coisas, e sim uma língua que nos permita viver no mundo, fazer a experiência do mundo, e elaborar com outros o sentido (ou a ausência de sentido) do que nos acontece.

Jorge Larrosa - Tremores

Há que se dizer ainda do limite do *dizer*. Nem tudo que se inscreve na pele, que ecoa na pele como resultante do encontro, se diz por palavras familiares, “fatigadas de informar”⁷ (BARROS, 2015). Às vezes, não se diz por palavra alguma. O dizer fica nos poros mesmo, compondo com o corpo uma nova dobra da existência. É assim com o *SemNomeAinda* e com os textos chegados por ele.

O encontro com alguns autores e com o grupo de pesquisa promoveu um autoencontro. Talvez porque o entendimento ali seja não o de filiação a conceitos e nomes e grupos. Filiação por confirmação. Mas sim o de pensar *com*, produzir *com*. Encontro rizomático (DELEUZE; GUATTARI, 2019). Extensões de mim mesma em rizoma *com*. Descubro – pelas leituras em partilha – um modo de pensar e escrever adormecidos há tempos em meu corpo. Despertar para ensaiar a vida *com*. Tornar possível o grafar poético das intensidades que me atravessam neste encontro. Inscrição na pele. Ocupação do corpo pela palavra. Transformação no dentro.

Larrosa, ao dizer da experiência que se dá pelo encontro, também nos diz da constituição dos sujeitos pela palavra. De como significamos o que nos acontece pela palavra. Problematiza o uso dela, pois o que somos, o que pensamos, o que criamos, como significamos e sentimos as coisas do mundo se traduz por palavras. Por isso, salienta, a insistência de alguns aparatos institucionais em silenciar algumas. Há que se saber o poderio das palavras.

Eu creio no poder das palavras, na força das palavras, creio que fazemos coisas com as palavras e, também, que as palavras fazem coisas conosco. As palavras

⁷ Do poema “O apanhador de desperdícios”, de Manoel de Barros.

determinam nosso pensamento porque não pensamos com pensamentos, mas com palavras, não pensamos a partir de uma suposta genialidade ou inteligência, mas a partir de nossas palavras. E pensar não é somente “raciocinar” ou “calcular” ou “argumentar” como nos tem sido ensinado algumas vezes, mas é sobretudo dar sentido ao que somos e ao que nos acontece. (LARROSA, 2020, p. 16-17)

Registrar este encontro com palavras, como alegria que transforma, como entrega à experiência de fecundar outros modos de existir *com*, de dizer *com* e de escrever esta existência *com*, manifestou-se necessário para o agora vivido. Vem do encontro a força que mantém o criar desta pesquisa, o grafar desta pesquisa. Fazer sentido *com* o possível no agora, criar *com* ele.

II. COMO SE CONCEBE UM CORPO-CARTÓGRAFA?

*Vou mostrando como sou
E vou sendo como posso
Jogando meu corpo no mundo
Andando por todos os cantos
E pela lei natural dos encontros
Eu deixo e recebo um tanto [...]*

Novos Baianos – *Mistérios do Planeta*

A cartografia (ROLNIK, 2016), como procedimento de pesquisa, convida ao tracejo de um mapa que se faz no durante. Não se ocupa de rotas já compostas, de linhas já percorridas. O desenho se faz à medida em que a paisagem insinua uma aparição.

Aceito o convite, a escrita desta dissertação segue em proposição de delinear um mapa que se expressa pelo que gruda no corpo, pela surpresa do que se revela em movimento e se torna matéria de criação. Experiência do encontro. Para além do que se toma como campo de produção de sentido – o *slam* –, nada se sabe de antemão.

A experiência não pode ser antecipada, não tem a ver com o tempo linear do planejamento, da previsão, da predição, da prescrição, esse tempo em que nada nos acontece, e sim com o acontecimento do que não se pode “pre-ver”, nem “pre-escrever”. Por isso a experiência é sempre do que não se sabe, do que não se pode, do que não se quer, do que não depende de nosso saber nem de nosso poder, nem de nossa vontade. (LARROSA, 2020, p. 69)

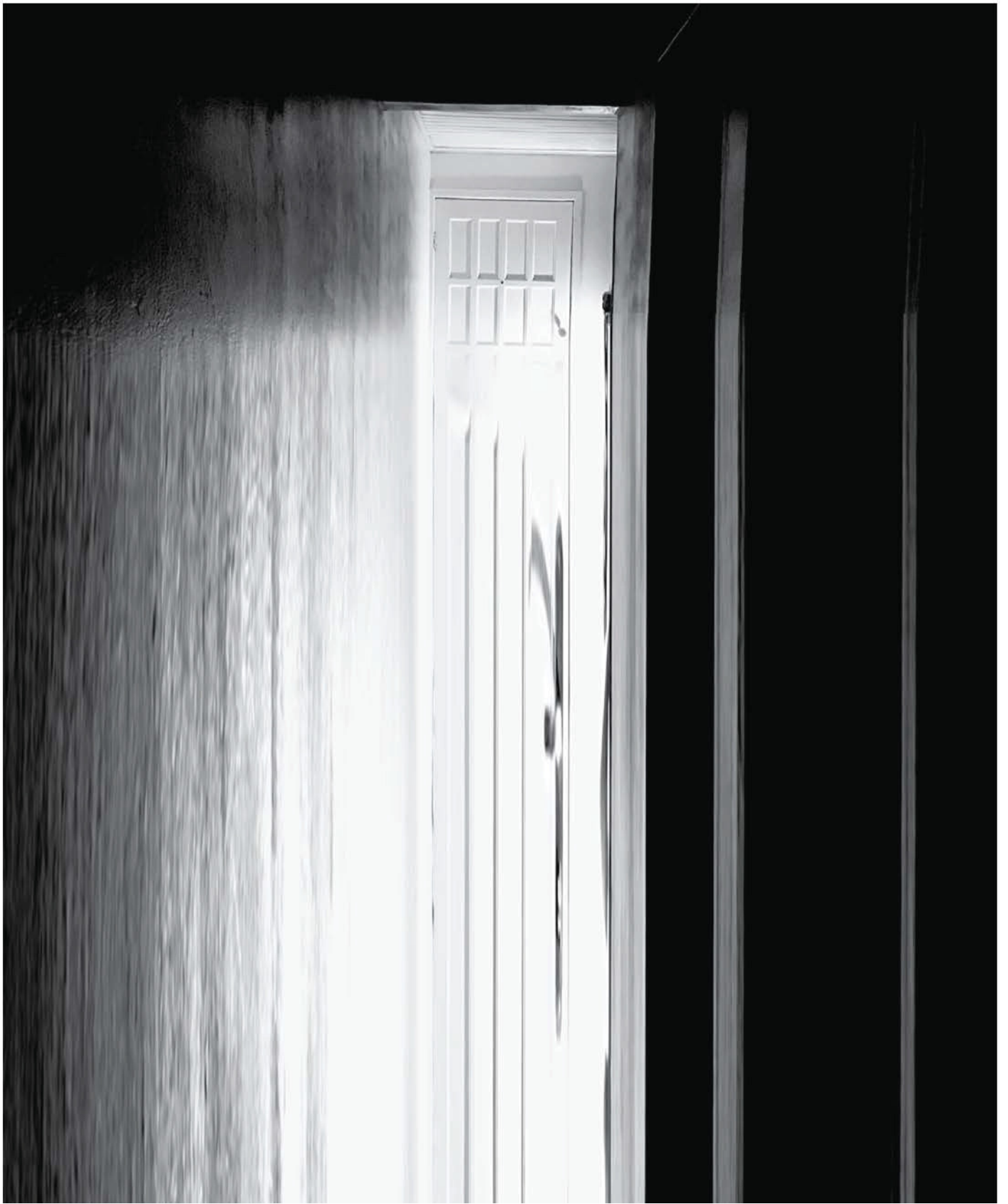
À cartógrafa, cabe jogar seu corpo no mundo e deixá-lo nu ao toque dos encontros. Acolhe-se o arrepio, o tremor, o gesto, a ausência e, por vezes, o medo de não ter nada a cartografar. À cartógrafa, cabe buscar desautomatizar-se por inteira, colocar-se disponível, à deriva (KASPER, 2016).

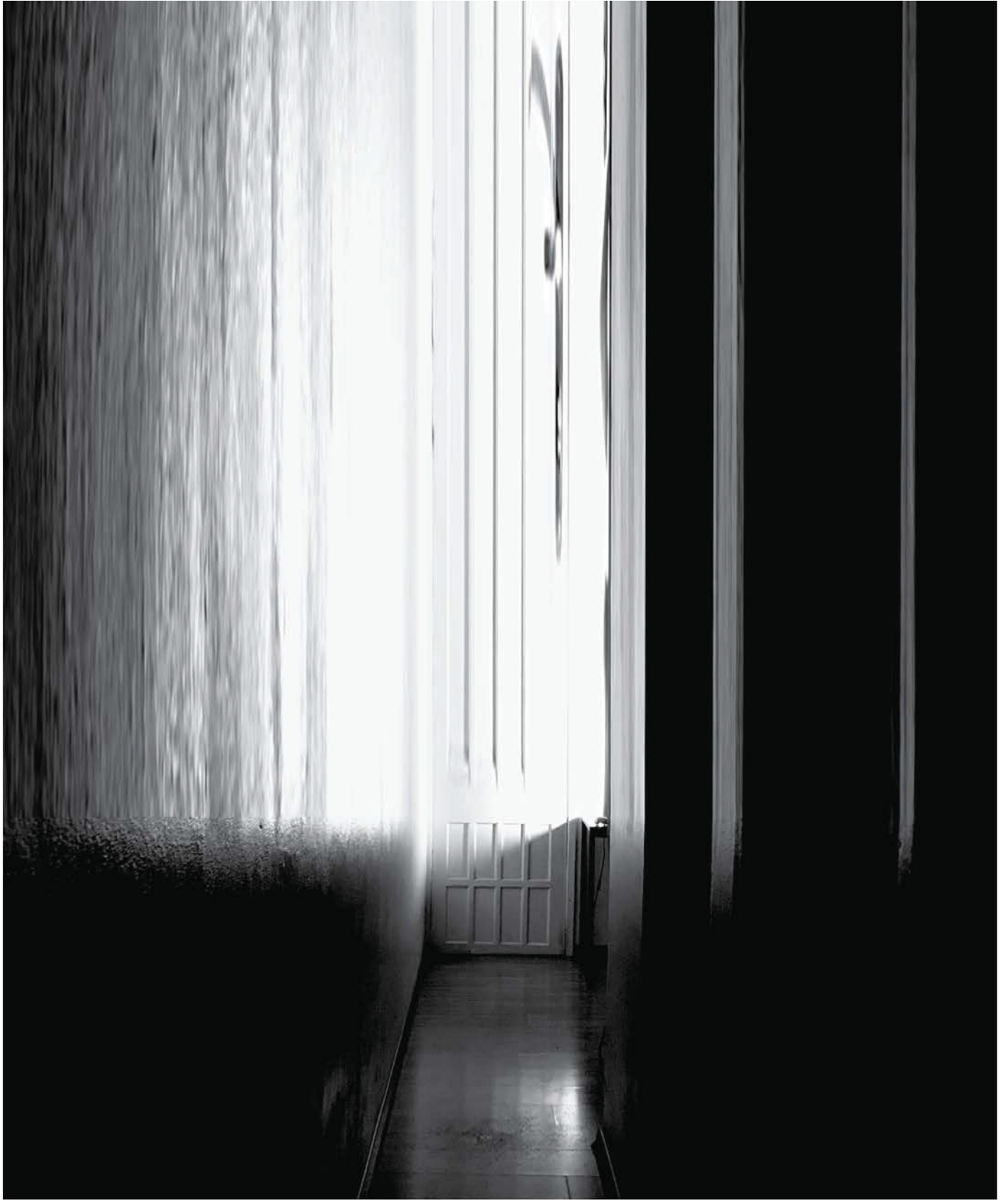
Na busca pela desautomatização, algo se constatou: a dificuldade por vezes sentida nesta escrita resulta, em grande medida, da redução abrupta de um modo de existir fundado na presença tangível de outros. A condição dada estabelece distanciamentos, sorrisos encobertos, falas abafadas, encolha. Isolam-se corpos para assegurar o que resultava do encontro desses: vida!

Da constatação, a convocatória: é preciso dar-se à reapropriação do corpo e nutri-lo para a expansão e amparo do que se apresenta como possível. Deixar chegar os acontecimentos, se pôr à espreita do que irrompe num instante, do que se manifesta no tropeço, dos silêncios que se compõem por palavras, como escreveu Barros (2015). A criação desse corpo se inscreve em movimento contínuo. Reconhece desconfortos, excitações, medos, silêncios, sempre em contínuo. “Deixa seu corpo vibrar todas as frequências possíveis e fica inventando posições a partir das quais essas vibrações encontrem sons, canais de passagem, carona para a *existencialização*.” (ROLNIK, 2016, p. 66)

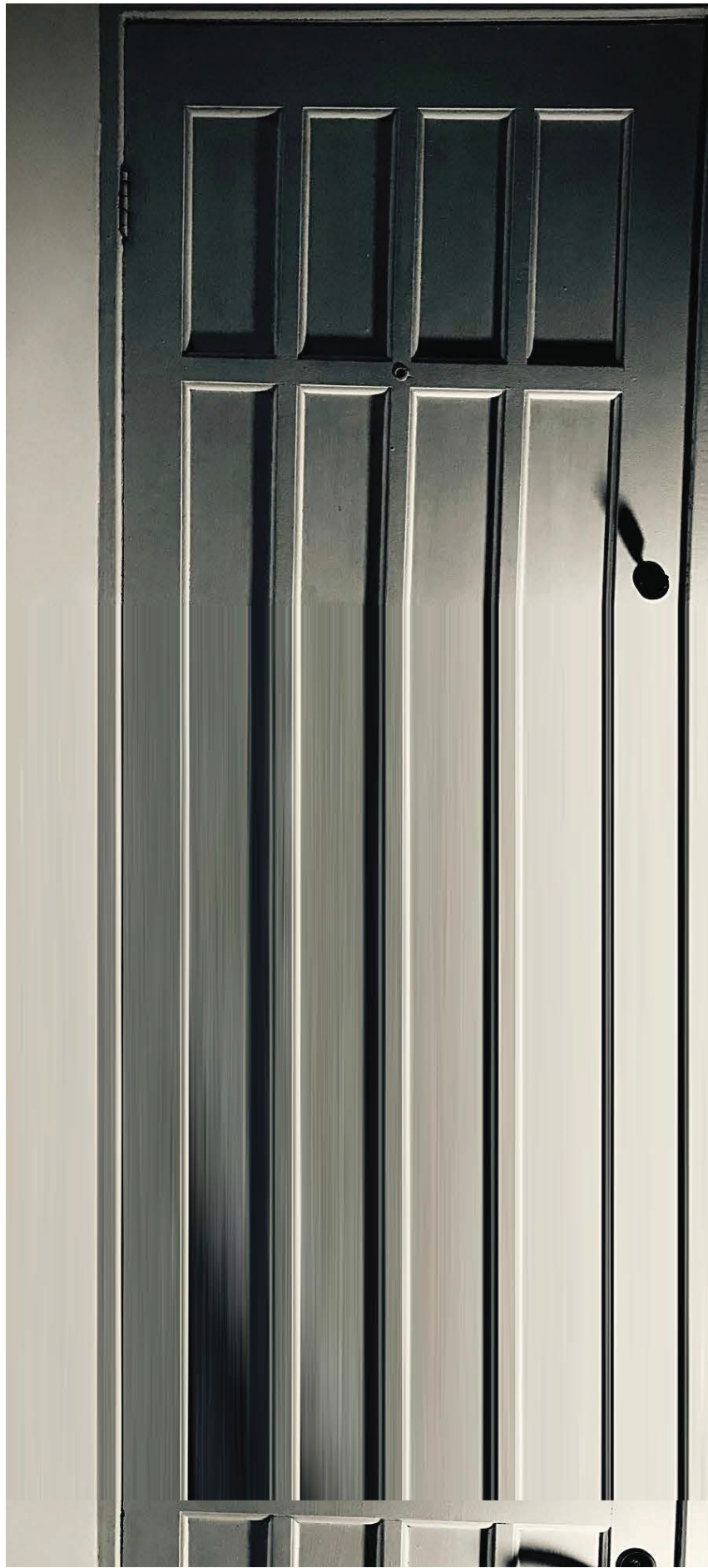
Em contínuo!













DO CORPO ISOLADO

A escrita desta cartografia se faz em atravessamentos paradoxais. De um corpo aprendente à experiência produzida no encontro, a um corpo aprendente à experiência do isolamento. Uma busca rápida e o dicionário Michaelis⁸ *online* confirma o paradoxo:

encontro

en·con·tro

sm

1 Ato ou efeito de encontrar(-se).

2 Choque, geralmente violento, entre dois indivíduos ou duas coisas; embate, encontrão.

isolamento

i·so·la·men·to

sm

1 Ato ou efeito de isolar(-se).

2 Estado do indivíduo que está isolado de qualquer contato; solidão.

Um encontro nestes termos diz respeito a corpos ocupando um mesmo espaço, à troca de afetos, a produzir sentido daquilo que vivência como partilha.

Corpos tangíveis.

A condição dada neste tempo provoca: é preciso buscar outros termos de dizer encontros!

Por vezes, sou tomada por um sentimento que nega ser possível o desenho desta paisagem. Carrego fortemente um corpo dado à inquietação. Um corpo dançante. Um corpo brincante. Um corpo correnteza.

Os corpos estão isolados!

O pátio do campus da Reitoria da Universidade Federal do Paraná insiste em se constituir como única possibilidade concreta de operar um plano de experiência. Porque trago

⁸ Fonte: <https://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=0&t=0&palavra=encontro>. Acesso em: 23 de jun de 2021.

conformado em mim o encantamento da rua, lugar onde a vida acontece com força arrasadora (SIMAS, 2020). A ausência deste espaço causa um deslocamento. Orfandade de corpos irmanados com a rua.

Por vezes, construo castelos de um retorno para já. Demonstração de subjetividade habituada com o imediato da vida, com tecnologias que resolvem quase tudo num toque na tela. O nunca vivido gera a confiança na resolução do problema para amanhã.

De onde escrevo, o amanhã comunica não ter pressa.

Disso, a provocação colocada é a de repensar os modos de se fazer pesquisa; é construir um corpo que se dê por afetação do possível no agora, afetação por distanciamento. Um corpo que vem traçando movimentos de se encontrar pelas telas.

DO CORPO À EXPERIÊNCIA

Experiência, para Larrosa (2020), configura-se como aquilo que nos acontece organicamente. O que chega como fora não se estabelece. Faz-se em passagem. Esfacela-se assim que um outro acontecimento-fora chega e sai e chega e sai e chega...e nada acontece, nada transforma. Elaboração de sentido ou da falta de sentido daquilo que se experimenta não demanda uma ação puramente consciente do acontecimento, de modo a manejá-lo, a reconhecê-lo, torná-lo verossímil. Está muito mais relacionada à abertura dada para o acontecimento chegar, para alcançar o corpo. A experiência se faz no corpo, não fora dele. Não se capta e se descreve tão somente por olhos objetivos. Contrário a isso, produz-se na receptividade marcada pelo estremecimento de um corpo que se deixou tocar e atravessar pelos muitos afetos surgidos. A experiência é o abalo no encontro!

Assim,

[...] a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que os acontece, aprender a lentidão, escutar os outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço [...]. (LARROSA, 2020, p. 25)

A experiência acontece em relação *a*, no encontro *com* (LARROSA, 2011). E pensar a experiência nestes termos só é possível – já dissemos – se colocado o corpo no jogo, buscando desvencilhar-se da defesa. É no corpo que tudo acontece em agenciamento *com*. Dar ao corpo a possibilidade de padecer pelos acontecimentos com os quais se relaciona.

Meu corpo entrou no jogo. Dei-me a estabelecer uma relação vagarosa com os possíveis da pesquisa. Ouvir mais devagar, ler mais devagar, entender a suspensão do tempo. Parar o olhar nas cenas que se apresentavam pelas janelas e me demorar ali, com a disposição de acolher dos pensamentos tudo que se insinuava como transformação. Sentir no corpo as transformações.

Meu corpo entrou no jogo e se fez campo com as partidas poéticas, com os encontros do grupo de pesquisa, com as leituras partilhadas ao mesmo tempo em que reconduziu modos

de estar em sala de aula por sentir não ser mais possível se manter em linhas que o endurecem. Pois,

Se a experiência é “isso que me passa”, o sujeito da experiência é como um território de passagem, como uma superfície de sensibilidade em que algo passa e que “isso que me passa”, ao passar por mim ou em mim, deixa um vestígio, uma marca, um rastro, uma ferida. Daí que o sujeito da experiência não seja, em princípio, um sujeito ativo, um agente de sua própria experiência, mas um sujeito paciente, passional. (LARROSA, 2011, p. 8)

Um corpo-campo em jogo.

Um corpo-campo ressoante das experiências forjadas no encontro.

E foi no tramado encontro com Larrosa (2011) e Gallo (2015) e Kasper (2016) que passei a construir uma presença como professora.

Movimento de transformação no corpo.

Uma presença marcada pela elaboração de uma escuta atenta aos estudantes, pelo respeito ao seu silêncio e à sua paradoxal ausência mesmo que presentes, pela desfeitura da crença de que é possível medir o que o outro aprende e quando aprende, pela atenção dada aos pequenos gestos os quais poderiam insinuar uma urgência a ser tratada ali. Entendimento este que se estabeleceu em mim na singeleza de uma constatação: “Existe o que se planeja como normativas e procedimentos da Educação e aquilo que acontece!”⁹

Do planejado, o retorno para as aulas presenciais no segundo semestre de 2021, ainda em um contexto de bastante tensão devido à pandemia. É preciso construir uma presença que acolha mesmo que o estabelecido continue sendo o distanciamento e a impossibilidade do toque. Uma presença desnuda dos formalismos exigidos para se estar em sala de aula. Não do cuidado!

Tramo numa proposição de compor uma presença radicalmente viva.

De uma longa conversa com os estudantes sobre os acontecimentos vivenciados nos últimos dois anos, sinais do que acontece: trazer para o jogo diagramas de subjetividades que apresentem outros modos de existência, num movimento de afirmação da vida em sua

⁹ Frase dita pela professora Kátia Kasper em uma das aulas ministradas na disciplina Perspectivas da diferença e Educação, em 2021

potência. Disso, propus como companhia os escritos de Ailton Krenak, dando especial atenção à obra *Radicalmente Vivos*¹⁰.

Tramo com a leitura por que

Quando eu leio Kafka (ou qualquer outro), o importante, desde o ponto de vista da experiência, não é nem o que Kafka pensa, nem o que eu possa pensar sobre Kafka, mas o modo como, em relação com os pensamentos de Kafka, posso formar ou transformar meus próprios pensamentos. (LARROSA, 2011, p. 11)

Construir uma presença como professora também diz de fabular situações nas quais seja possível pensar outros modos de existência. Fabulei junto a Ailton Krenak uma leitura vagarosa, cheia de pausas, silêncios e abertura para qualquer tipo de intervenção. Fabulei junto ao *slam* das Gurias a constituição de espaços nos quais existências singulares possam ser partilhadas por meio da palavra. Gesto que desatou o relato de narrativas individuais e coletivas tramadas *com* o texto. “[...]cada gesto de insurreição micropolítica é, nele mesmo, um movimento de ressurreição da vida.” (ROLNIK, 2019, p. 138)

Do que acontece, duas expressões opostas: manifestações de subjetividades que se deixam afetar pelo incômodo diante de outros modos de existência; acolhem o desassossego e se colocam numa perspectiva ativa (ROLNIK, 2019), no sentido de dar abertura para criar *com* outra existência, pensar *com* ela.

Do que acontece, manifestações de subjetividades que repelem o incômodo e se colocam numa perspectiva reativa, no sentido de manter fixo o já acomodado; não se dão a conhecer outros modos de existência.

Construir uma presença como professora implica olhar para aquilo que a sala de aula é: um encontro. Implica estar atenta ao que vibra neste espaço, ao que escapa e criar um território para que algo aconteça.

¹⁰ Ebook produzido com a transcrição da palestra “Radicalmente Vivos” proferida por Ailton Krenak, em fevereiro de 2020, à comunidade “o lugar”. Informação disponível em: <https://olugar.org/vivos/>. Acesso em: 6 de jan. de 2022.

DO CORPO AOS CORPOS

Vibrações

Nada restará de nossos corações. Cada uma de nossas partículas retornará a seu elemento. Mas nossas palavras traçaram um rastro, vibraram no ar, tocaram a outros. E o que vibra segue seu caminho, incita, se recarrega, se multiplica, cresce continua. Transforma-se. Somente ouvido irá se transformar. O destino da palavra é se desintegrar quando chega a tocar o que é mais sólido do que ela: a carne. Ao se desintegrar como se desintegra qualquer signo apenas cumpre sua incumbência, isto é, ao mostrar aquilo a que se dirige. Porém, de novo, a palavra, felizmente, é mais do que um signo: é uma força viva que se desfaz quando alcança a matéria que há de lhe dar nova forma. A palavra se encarna, seu destino é encarnar-se.

Jorge Larrosa

Um corpo que não permite criar, que não permite viver o que está sentindo, repete!

Confirma o mundo que já existe.

Registro disperso do caderno de anotações¹¹

Como uma cartógrafa em tecitura me propus a acompanhar as batalhas de *slam* promovidas pelo *slam* das Gurias CWB. Trata-se de um movimento que surgiu em março de 2019, em Curitiba-Paraná, por iniciativa das poetas *slammers* Poeta Gabriela¹² e Jaqueline¹³.

Já versejantes em outros espaços, a urgência dada a elas era a de constituir um território poético onde fosse possível a fala e a escuta de mulheres¹⁴. O cenário em perspectiva no Brasil, pós-eleições 2018, reafirmava a urgência instada.

Era preciso manter-se em eco vibrante nas ruas!

¹¹ Da oficina de escrita “99% inspiração”, ministrada pela escritora Sheyla Smanioto, em jan. de 2021.

¹² Página pessoal: <https://www.instagram.com/poetagabriela/?hl=pt-br>. Acesso em: 3 de jun de 2021.

¹³ Página pessoal: <https://www.instagram.com/jaqueli.vre/?hl=pt-br>. Acesso em: 3 de jun de 2021.

¹⁴ Informações retiradas da coletânea de poemas “*Slam das Gurias - vozes que ecoam*”, disponível em: <https://www.instagram.com/slmdasguriascwb/?hl=pt-br>. Acesso em: 3 de jun de 2021.

Era preciso manter nossos lugares de dizer!

O primeiro encontro data de 8 de março de 2019, dia destinado à luta internacional pelos direitos das mulheres. Desde então, a demarcação desse recorte dá início ao sarau:

“A plateia é de todos, mas o palco é só delas!”

Eu chego no *slam* como professora de Língua Portuguesa e Literatura, da rede pública estadual do Paraná. Chego, já compreendendo o grau de potência de um lugar que se destina à prática poética feita por mulheres, na rua. Sinto que a escrita que se apresenta nesse espaço responde, ainda que não se saiba, ao chamado de Gloria Anzaldúa (2000). Um chamado que, ao convocar para a escrita, afronta as narrativas dominantes de silenciamento das vozes das mulheres

Escrevam, diz! Não importa onde. Não importa quando. Escrevam! Se o que se tem é a pele, escrevam! Se o que se tem é a ausência da escrita, escrevam! Não há quarto que abrigue uma escrita em derramamento. Escrevam sobre o que transborda para não afogar.

O que se vê no *slam* das Gurias é o estabelecimento de um território de fala e de escuta onde a língua instituída é a das beiradas. Língua da rua. Língua do pátio da escola. Língua dos bilhetes circulantes entre corpos estudantis. [Corpos os quais a máquina produtora de subjetividades serializadas (GUATTARI; ROLNIK, 1996) quer cingidos, institucionalizados.] Língua dos cochichos. Língua potencializada por singularidades. Língua que enuncia coletividades. Língua estrondosa que faz doer os ouvidos daqueles que insistem em calar o alarido que não cessa mais.

Não mais!

Língua de quem entende, quiçá intuitivamente, que dar palavra aos afetos é um modo de produção de existência: “Não é no papel que você cria, mas no seu interior, nas vísceras e nos tecidos vivos - chamo isto de escrita orgânica” (ANZALDÚA, 2020, p. 234). Escrita viva!

Eu permaneço neste lugar por outras afetações.

O complexo predial do campus da Reitoria da Universidade Federal do Paraná assenta sobre o signo do formalismo institucional. D. Pedro I. D. Pedro II. Construção timbrada. Algo escapa. Desterritorialização do espaço *no* espaço. Heterotopia. Ali, entre os corpos dados ao lirismo, não há recolha de ordem alguma que se atira do último andar (KASPER; LIMA; TÓFFOLI, 2019). Há poesia feita na rua, com língua de beirada, versada em espaço sacro. Algo escapa!

Como se cria um campo que se abra a singularizações de modos de existir?

Que experiências gestam esse encontro?

Que educações são possíveis forjar ali?

Outra pausa se fez.

Curitiba, 19 de setembro de 2021.

Querida Gloria,

escrevo esta carta numa distância temporal de 41 anos. Quando em maio de 1980 você conclamava as “mulheres escritoras do terceiro mundo” a tomar para si as palavras e produzirem seus próprios textos, minha mãe me gestava havia 5 meses. Desponte no início da primavera.

Não foi com o nascimento, tampouco com a escolarização no transcorrer dos primeiros decênios de minha vida que teu chamado me chegou. Foi agora. Aos 40 anos. Em um cenário aparentemente inóspito para se criar algo.

Recuso-me a trazer nesta carta notícias que se assemelham ao mundo já dito por você há quatro décadas. Desde lá, muito se alcançou de fato. Mas a miséria, das mais diversas, ainda nos acompanha.

O que quero trazer aqui diz de um encontro.

Encontro atravessado pelas línguas que compõem sua carta; pela dádiva que foi recebê-la das mãos de uma “mulher escritora do terceiro mundo” e poder retribuir ao compartilhá-la com outras tantas mulheres. Quero dizer de um encontro com essas, que têm dividido suas vidas e escritas comigo.

Me reconheço, Gloria, nas companheiras que evoca; e lamento todo o silêncio arrastado até aqui. Mas também sei que foi preciso o fiar dos anos até descobrir uma língua de dizer dos meus afetos.

Confesso que, por vezes, as palavras se ausentam...mais pela urgência dada a meu corpo por dizê-las em atropelo de todas as que ficaram em suspenso, do que pela falta do que dizer. Afirmo: não é mais possível o silêncio!

Do teu chamado, Gloria, passei a caminhar com outras companheiras e companheiros no escrever. Te conto: a poética de Conceição Evaristo me diz de uma voz que ecoa desde muito antes. Você sabe qual voz, sim? Essa que tentaram calar, que tentaram apagar, mas que insistiu no sussurro até grudar na pele e se fazer linha de tear. Teço esta escrita com ela. Sei de todo o seu colorido, pois vem de múltiplas peles e de singulares vivências. Uma escrita vivência. Uma escrevivência, afinal.

Foi com minha nudez diante da janela que a primeira composição chegou, minha irmã. Nua e ensolarada como você disse estar ao nos escrever.

Atravessada pelo isolamento imposto, me dei a experimentar outros modos de estar. Era como se penetrada pelo sol que se achegava em minha cama, brotasse palavras de dizer meus afetos.

Disso, dei a narrar paixões e domingos com gosto de copo vazio e segredos não contados e cupins em revoada e folhas e ruídos do mundo e o encontro de meu pai e minha mãe...um encontro que só aconteceu no ajustado do papel em que escrevi, pois, inventado que era.

Quem sabe, tivesse eu evitado algumas machucaduras se muito antes me desse a costurar as palavras silenciadas. Quem sabe. Viviane Mosé garante ser poema preso as doenças das quais somos acometidas...quem sabe.

Estou na universidade, Gloria, esta instituição ainda fortemente marcada por aquilo que chamam de escrita acadêmica. Também escrevo. E escrevo sendo acadêmica. Então, não seria a minha também uma escrita acadêmica? Te disse que muita coisa mudou de tua carta para cá, mas também muita coisa permanece.

Encontrei singularidade no escrever lendo com as mulheres que seguem em travessia comigo. E em conversa com Jorge Larrosa. Encontrei, pois, uma língua de dizer meus afetos.

Não acaba aqui, minha irmã!

*Receba meus escritos e meu abraço,
Gizele.*

Volto ao conflito instaurado. [Volto]
 Por muito tempo me pego imobilizada. [Por muito.]
 Perco meu olhar por entre as grades da janela de meu quarto. [Perco]
 Passei a habitá-lo ora como professora, ora estudante, ora escritora. [Ora.]
 Olho para o ir e vir de carros, de pessoas. [Ir e vir]
 Mundo que se movimenta dentro de uma aparente normalidade. [Aparente]
 As questões postas não são para esse mundo. [Não são]
 Vejo um circular laranja que passa sem sinais de me carregar junto a ele, como outrora.
 [Vejo]
 Embarcar.
 Viajar acompanhada por desconhecidos. [Viajar]
 Observar as posturas, os gestos, como se movem, onde desembarcam, se leem, se se
 distanciam dali abandonando o corpo no banco cinza do ônibus, se usam fones e que ruídos
 vazam deles. [Observar]
 É possível adivinhar o outro pela música que ouve? [Penso]
 As questões postas são para o mundo do circular! [São.]
 Um mundo no qual a palavra aglomeração, tão árdua a nós no agora, não fazia o menor
 sentido. [Um mundo]
 Aglomerar é verbo!

Experimentação poética da autora

DO CORPO, À EDUCAÇÃO MENOR

A formulação educação menor se deu por um processo de deslocamento conceitual engendrado por Silvio Gallo (2015; 2020) da obra “Kafka: por uma literatura menor”, escrita por Gilles Deleuze e Félix Guattari (1977).

O que se propõe é um mover-se por entre as tramas burocráticas da escola de modo que, nas relações micropolíticas da sala de aula e além dela, seja possível gestar experiências no encontro.

A perspectiva da educação menor [...] nos desafia a trabalhar com relativa liberdade de escolha, com o que pode ser criado, inventado a partir de encontros, das imprevisibilidades, da singularidade de acontecimentos que atravessam o espaço escolar e afetam professores e alunos. (GALLO, 2020, p.11)

Experiências menores dizem daquilo que se pode fazer de modo singular, mesmo estando em um espaço em que a prática da docência costuma ser de repetição, de reprodução exaustiva de subjetividades seriadas. Diz sobre construir um corpo permeável aos afetos, um corpo desperto para os olhares, às expressões e os silêncios que se mostram. Um corpo vivente, dado ao toque, que se encosta, que chega perto.

Um corpo desperto!

A construção desse corpo envolve um processo de desautomatização. Desautomatizar as percepções, os gestos, os modos de fazer. [...] Fugir aos automatismos que combatem a criação, a variação. Desfamiliarizar-se. (KASPER; TÓFFOLI, 2018, p. 91)

Uma abertura para o inesperado.

Como professora-pesquisadora abro a porta de minha sala de aula, me jogo na rua e me encontro com o *slam*. Espio esse espaço como território potencializador de educações menores, de experiências pelo encontro. Espio, como espaço possível de constituir territórios existenciais, territórios heterotópicos. Espio, não como ato que tem a intenção de negar o instituído escolar ou de reproduzi-lo em moldes pedagógicos, mas instituir o pensar *com*. Pensar o espaço escola *com* o espaço *slam com* o espaço rua. Desterritorialização (GALLO, 2002) do corpo-professora. Desterritorialização da sala de aula. Se pôr a percorrer com outros espaços. Criar em ressonância *com*.

Na lógica da heterotopia, trata-se de não criar modelos novos, mas simplesmente formas outras de fazer e de viver, no contexto mesmo daquele modelo instituído. Transformar o modelo micropoliticamente (microfisicamente, diria Foucault). Não uma crise de paradigmas e uma revolução paradigmática, mas transformações sintagmáticas, que processam novas conjunções e transformam o instituído de dentro, lentamente, sem criar um novo modelo, sem tê-lo pré-definido. Experiência e invenção passam a ser as palavras-chave. (GALLO, 2015, p. 86)

Coexistir em espaços que se mantêm sob a égide de normativas disciplinadoras, diz de criar heterotopias, lugares destoantes por sua potência de se abrir a outros modos de existir, de produzir vida, de dar espaço à diferença. Não se busca construir uma nova hegemonia, um novo padrão, mas produzir variações, singularizar.

É preciso coexistir em variação!







DO CORPO, AO SLAM

Poema Preso – I
*A maioria das doenças
 que as pessoas têm são poemas presos,
 abscessos, tumores, nódulos, pedras.
 São palavras calcificadas,
 poemas sem vazão.
 Mesmo cravos pretos, espinhas,
 cabelo encravado, prisão de ventre,
 poderiam um dia ter sido poema,
 mas não.
 Pessoas adoecem da razão,
 de gostar de palavra presa.
 Palavra boa é palavra líquida,
 escorrendo em estado de lágrima.*

Viviane Mosé – Poema Preso

De tudo se diz um pouco:
 dos amores,
 das paixões,
 dos desejos,
 dissabores.
 De tudo se diz um pouco:
 das políticas,
 dos corpos,
 das florestas,
 manifestas.
 De tudo se diz um pouco:
 com rima,
 com verso,
 com gesto,
 contesto.

Um encontro que celebra a poesia.

Versos gestados no caminho do trabalho, no intervalo da escola, no ponto de ônibus,
 no amargo do café.

Um encontro que celebra a poesia.

Versos gestados no calor da água que abraça a exaustão do corpo, na recolha das folhas deitadas ao chão, no olhar perdido por entre as grades da janela, na atenção capturada pelo assovio indecifrável que chega agarrado ao vento.

Versos que se gestam em um encontro que celebra a poesia.

Os poetry slams, ou simplesmente slams, são batalhas de poesia falada que surgiram na década de 1980, em Chicago, nos Estados Unidos, e hoje se estabeleceram como uma das mais democráticas formas de poesia performática em todo o mundo. Sua criação, pelo trabalhador da construção civil e poeta Marc Smith, se deu como uma resposta à ideia elitista de que a poesia seria um gênero restrito a círculos acadêmicos, que pertenceria exclusivamente a um ou outro grupo social específico, ou mesmo que existiria somente como manifestação escrita. (NASCIMENTO, 2019, p. 175)

Passados 22 anos, cria-se em São Paulo o ZAP! Zona Autônoma da Palavra¹⁵. Considerado o primeiro grupo de *slam* nacional, o ZAP! se instituiu em 2008, segundo Roberta Estrela D’Alva – idealizadora desse *slam* – também como um espaço de celebração da poesia. Não das líricas já sacralizadas, canonizadas e reconhecidas nos corredores da academia. Não. A celebração é da lírica que brota pela margem.

E a margem se encontra na rua.

Dos grupos de *slams* que se formaram no Brasil desde então, o ZAP! é o único a se inserir em um espaço fechado. As batalhas ocorrem no Núcleo Bartolomeu de depoimentos – Coletivo teatral paulistano de teatro Hip-Hop – o qual tem Estrela D’Alva como uma de suas integrantes.

Pouco mais de duzentos saraus ocupam as ruas de dezenove estados brasileiros mais o Distrito Federal¹⁶. Praças, terminais de ônibus, pátios de universidade recebem poetas e públicos dos mais diversos. Constituição de territórios existenciais, na rua. Zona autônoma em que a palavra se derrama em seu estado mais expressivo: o lírico.

¹⁵ É possível conhecer um pouco mais a respeito da ZAP!, dentre outras redes, pelo blog do movimento. Disponível em: <http://zapslam.blogspot.com/search/label/ZAP>. Acesso em: 12 de out. de 2021.

¹⁶ Dados informados na tese de doutoramento de Roberta Estrela D’Alva, intitulada **Vocigrafias**, a qual se encontra referenciada nesta dissertação.

O *slam* é feito pelas e para as pessoas. Pessoas que, apropriando-se de um lugar que é seu por direito, comparecem em frente a um microfone para dizer quem são, de onde vieram e qual o mundo em que acreditam (ou não). É um espaço para que o sagrado direito à liberdade de expressão, o livre pensamento e o diálogo entre as diferenças sejam exercitados. Um espaço autônomo onde é celebrada a palavra, a fala, e, ainda mais fundamental num mundo como o que vivemos – a escuta. (D’ALVA, 2011, p. 125)

E para que haja a escuta da multiplicidade de vidas expressas nos versos que chegam – versos originais de uma escrita de vivência – organiza-se o tempo, prioriza-se a palavra. Cada poeta tem até três minutos para dizer dos afetos que a atravessam. Três minutos para que o rimado da vida seja lançado e infiltre na pele de quem se colocou como plateia e como jurada/o. Sintetização das intensidades com intensidade.

E esse dizer deve-se traduzir no corpo e na voz, tão somente.

Nenhum instrumento o acompanha.

Nenhum acessório o performa.

É tudo no corpo, do corpo e pelo corpo.

Regras acolhidas em todos os agrupamentos de *slams*, isso tudo é dito pelas mestras de cerimônia – chamadas *slam master’s* – logo que o palco se instala e a batalha começa.

Elaboração estética da palavra, na rua.

Produção de existência pela palavra, na rua.

Fragments de intensidades, na rua.

DO SLAM AO CORPO

***SLAM: na engrenagem, a contra-mola que resiste!*¹⁷**

[Slam]

Equilibrar-se!

Em meio ao desmoronamento de mundos: e-qui-li-brar-se!

No ba-lan-ceio-desta-corda-bamba-sócio-política: equilibrar-se!

Mover-se em desvio de mal-ditas palavras.

Nenhuma atinge,

nenhuma endurece,

nenhuma silencia [nos]!

Vozes manuseiam desfiamentos

Num tecer,

re-tecer,

entre-tecer existências.

Versos de afirmar a vida.

Versos de fiar a vida!

E no fiar,

criam linhas de fuga, linhas de escrita, linhas de escuta.

Escuta?

Sim!

Ouçam: o que dizem é visceral!

Perfura a pele e gruda no dentro.

Rasgam o tempo, diz Roberta [a Estrela].

Fissuram o território-caos

Forjam espaços heterotópicos

E instauram platôs:

de dizer poemas,

de cantar poemas,

de clamar poemas.

Desterritorializam o instituído do poético

da métrica sacra,

da rima santa

e o lançam na rua.

Lírica das beiradas,

¹⁷ CARNEIRO; KASPER, 2021. Trata-se de uma variação de comunicação oral apresentada no 22º Congresso de Leitura, organizado pela ALB e Faculdade de Educação Unicamp e que aconteceu virtualmente em agosto de 2021.

estética das beiradas,
língua das beiradas.

Enunciação coletiva
em poética menor.
Menor?
Não se engane!
Menor aqui diz de uma subversão
Subversão, não: artimanha estonteante
de ocupar a língua que nos quer
emudecida
entristecida
enfraquecida
e fabular outra...
Língua de registrar apagamentos.

Língua,
que grite a vida,
que afirme a vida,
que recite a vida!

Margear tempo e espaço
Num desencontro
de tudo que imola a potência criadora.
Plantar singularidades germinativas,
talhar nos espaços moucos
grafias orais de ensurdecer!

Gestar revoluções vocabulares,
moleculares,
incendi-ares!

Pois, *“esse negócio [Simas] de ver a vida acontecendo com tamanha força é arrasador”*.

Estou falando do *Slam!*

III. UMA CARTOGRAFIA DE MEMÓRIA

Lembre-se de olhar as pombas que disputam a pipoca!

Thalita Sejanés¹⁸

Das batalhas acompanhadas na rua, três.

Pouco tempo para mergulhar nos afetos produzidos no encontro com o outro, ainda mais quando a pesquisadora que fui trazia marcadores duros do fazer investigativo. Nada sabia sobre atenção flutuante, sobre “prestar igual atenção a tudo” (KASTRUP, 2015) de modo a tornar possível a captura daquilo que se produz como experiência. Nada sabia sobre a feitura de um mapa assentado nas paisagens que se mostram como matéria de expressão. “[...] Tudo o que der língua para os movimentos do desejo, tudo o que servir para cunhar matéria de expressão e criar sentido, para ele (*cartógrafo*)¹⁹ é bem-vindo[...]”. (ROLNIK, 2016, p. 65)

Não há paisagem dada à espera de um olhar focal, molar (ROLNIK, 2016), de uma descrição pautada por uma ideia de exatidão, de um reconhecimento. O que há são intenções, deslocamentos, gestos, silêncios e buchichos que vazam e se insinuam como matéria de expressão. Se o corpo estiver desperto, “[...] ele aceita a vida e se entrega. De corpo-e-língua [...]” (idem, 2016, p. 66)

Da atenção - talvez o instrumento mais caro ao fazer cartográfico - não se tem um passo a passo, um manual. O seu cultivo se faz no durante, na relação que a pesquisadora vai tecendo com o processo acompanhado, no susto, na presença, no achegamento que a coloca ali... inteira... em corpo desperto ao que vaza!

Larrosa (2014) nos conta a história de um cineasta que desperta ao se dar conta daquilo que vazava ao focal das câmeras. Um choque que o fez retornar - após a rodagem das cenas que compuseram o filme seguindo uma lógica cinematográfica da representação, da

¹⁸ Frase que fez morada em mim após uma conversa com o grupo de orientação *SemNomeAinda*.

¹⁹ Grifo meu.

confirmação, um filme premiado... – a Fontainhas, local da gravação, movido pelo atravessamento dos afetos gerados pelo entorno, pelo que vazou. Suponho o ativamento de uma atenção flutuante que se deixou escorrer do enquadramento instituído pelas lentes cinematográficas. Um outro filme se fez.

DA PESQUISADORA QUE FUI: ESCRITO 1

Quando fazemos coisas com as palavras, do que se trata é de como damos sentido ao que somos e ao que nos acontece, de como correlacionamos as palavras e as coisas, de como nomeamos o que vemos ou o que sentimos e de como vemos ou sentimos o que nomeamos.
Jorge Larrosa - Tremores

27 de maio de 2020

A ideia deste texto é escrever. Escrever a propósito de mulheres que escrevem e declamam. Que mulheres? Que escritas? E para quê? Não acho que tenha um viés utilitarista cada verso escrito e declamado por elas. E quem escuta? Escuta o quê e para quê? Será que nesse caso há de ser utilitário o verso? Quem escreve e quem ouve, ouve e escreve em busca de um porquê? Ainda não sei. Eu comecei este texto movida por aquilo que ressoou em mim do encontro com essas mulheres que escrevem e declamam seus poemas no slam. Slam das Gurias. Esse é o espaço. Em círculo. Campus Reitoria da Universidade Federal do Paraná. Em Curitiba. Tudo começa com o “microfone aberto”. Quem quer falar para outra ouvir vai e fala. Não compete. Não pontua. É possível competir quando o que se tem como escrito é seu corpo, sua perda, sua paixão? A quem compete erguer a placa que indica se é 5 ou se é 10? É possível competir quando o que se tem como escrito é a solidão de uma gestação solitária? A quem compete erguer a placa que indica se é 5 ou se é 10 a solidão de quem sente? Cada palavra dita ou mal-dita me atravessa. Não sou elas, mas somos todas uma só. O slam das Gurias é para as Gurias. Só é possível batalhar se você se entende como mulher. Se entender como mulher... Como é isso? Como você, Gizele, se entende como mulher? Preciso confessar que essa minha escrita vem há alguns meses depois de ter assistido a primeira batalha de slam. Fato esse que traz ruídos para o texto. É possível re-sentir o que sentiu escapado o tempo? Não. Mas, lá...ainda não me era uma questão pensar que “ser mulher” é uma construção eurocêntrica. Só é possível batalhar se você se entende como mulher. E como é isso? Que mulher eu preciso entender para se entender, para me entender? A resposta não virá neste

texto. E nem sei se virá em outro. Talvez porque requer mais reflexão do que resposta. A questão é que naquele momento eu estava na minha primeira saída de campo. O que eu precisaria observar? Como me colocar naquele espaço que viria a ser o meu espaço? Só observaria? Comporia algumas linhas para, talvez, compreender o que leva aquelas gurias a escrever e declamar seus poemas? Eu caibo neste espaço? Não sei. Fato que me chamou a atenção foi perceber que de quem lê os versos não se espera, tampouco se exige, que o faça tal qual Drica Moraes recitando “O amor bate na aorta” do Drummond. Não. Cada uma diz seu texto do seu jeito, no seu ritmo, com a intensidade que lhe couber. Então é isso. Você pode falar de como lida com a distância. Pode falar de como o fazer poético é teu trabalho. De como a gestação, ainda que composta de dois seres - mãe e bebê - é uma vivência solitária. Pode falar do seu corpo e de como ele está no mundo. Mas também é possível falar das queimadas florestas à fora e trazer para roda problemas mais amplos. É isso. Ainda não sei o que tanto farei com isso. Ainda me sinto pouco conectada àquele espaço devido ao distanciamento forçado. Ainda assim, sinto.

DA PESQUISADORA QUE FUI: ESCRITO 2

27 de fevereiro de 2021

Lembrei-me de uma das vezes em que saí resolvida a fazer pesquisa de campo. Quase nada compreendia sobre o método cartográfico. Acreditei ser possível - agora, sim, muito bem compreendido - acompanhar processos estando com um caderninho na mão e uma caneta na bolsa. Era o campeonato paranaense de batalha de slam. Palácio dos Estudantes. Casarão de feição clássica construído em 1918, no Alto São Francisco, em Curitiba – PR. Nunca estive ali. Sempre só de passagem. Olhava por entre as frestas das muretas que o cercam sem ver sequer um estudante, ou um grupo deles que pudesse justificar a escolha do nome do prédio. Entrei. Escolhi o lugar que considerei ser o melhor para observar as batalhas e me pus sentada ao chão. Escrevo sobre isso com o que me veio à mente em uma distância de pouco mais de um ano. Era novembro de 2019.

O que deixei passar enquanto acreditei ser necessário fixar o olhar para não deixar nem um verso da batalha ser perdido? Que olhares não cruzei? Que expressões não vi? De que conversas, de que gargalhadas, de quais cochichos não participei só para não perder o que estava rolando no palco? Para não perder o que poderia ser confirmado, ser encaixado? Toda vista de um ponto é um ponto único de vista. Foge ao múltiplo. Perde o múltiplo.







RUÍDOS DA MEMÓRIA: REITORIA

O ritual: fechar os olhos, ajustar os fones e me entregar à escuta.

Desgrudar deste corpo que se fez inerte, isolado. Não dança, não caminha, pouco faz amor. Parir um corpo etéreo em desvio de um vírus que se ocupa do fatal. Um corpo etéreo que sai à rua por vias auriculares. O percurso? Conduto auditivo, tímpano, ossos minúsculos, amplificador, cóclea, células sensoriais, sinais elétricos, nervo auditivo, cérebro, córtex auditivo...e a paisagem se reconstrói por partículas sonoras.

A captura se deu por um aparelho de celular. Descarto a imagem feita de um plano obtuso. É pelo ouvido que o traçado se faz. Nada se filtra: ruídos de carros, frenagem dos ônibus, passos atrasados, buzinas, alguém que tosse e ri, conversas paralelas, risos, cochichos inaudíveis, risos. Paisagem sonora de um encontro de rua que habitava o espaço da Reitoria.

Recordo.

Era dia de gravação: uma câmera fixa, um cinegrafista, um repórter, um microfone. Captura molar de um movimento molecular (GUATTARI; ROLNIK, 1996). O *Slam* das Gurias completava seis meses de batalha poética. A UFPR TV²⁰ registrava explicações fragmentadas e colava-as a fragmentos dos poemas ditos ali.

Um mês depois, quando publicada, a matéria confirma o espaço em sua superfície. Não há sinais de intensidades na filmografia feita: intensidade corpórea, vocal, gestual. Nada. Tudo se pulveriza em planos duros.

Retomo o áudio.

Há modulações nas vozes que diferem não só a poeta que diz, mas sobre o quê diz. Voz embargada. Garganta com prenúncio de gritos não dados. Marcas de dor. Morte prematura do pai. Versos e gestos compõem um corpo “capengando” já aos dezenove, diz.

Uma pausa.

Retomo o áudio.

²⁰ Reportagem disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=S0tPM6GiORA>. Acesso em: 4 de jun de 2021.

Meu corpo etéreo reconhece a sensação sentida quando, lá atrás, se pôs na presença dessa poeta. O luto que vive se refaz no agora pela sonoridade movente de uma voz que prenuncia gritos não dados, mas versejados. Luto em versos.

O sarau segue. Muda o tom. Dos versos se diz de um gosto. Gosto agarrado à língua. Gosto que acalma, embriaga, tumultua. Assim, numa mistura convulsiva. Língua fêmea em pele fêmea. Se foi amor recôndito um dia, hoje se tropeça nele aos pares. Se canta dele em voz aguda. “Qualquer maneira de amor vale o canto”²¹, já sabemos.

Ainda que a escuta seja uma solicitação, o convite para que se fale é feito o tempo todo. O *mic aberto* (microfone aberto) antecede as batalhas e acolhe de tudo: uma canção, um recado, um reclame, uma dança, um poema... Na memória, no papel ou na tela - não raras vezes - a declamação dos escritos é antecedita por expressões do tipo: “Ah! Chegou em mim e resolvi escrever”; ou ainda: “Vivenciei isso e me chamou para a escrita”. Uma escrita que chega, que vive, que chama. Uma escrita de vivência.

O que as poetas dizem são afetos que pediram língua e passagem. É um fazer escrito costurado às vivências experienciadas pelo sujeito escrevente, não por outro. São linhas que traçam na pele singularidades da existência. Não se ouve sabores e dissabores sintonizados na mesma frequência.

Não há um perfilamento de subjetividades que comunicam a recongnição dos modos de sentir e de dar sentido ao que se vive. O marcador do plural no determinante *gurias* diz muito mais dos diagramas subjetivos variáveis que compõem o agrupamento, do que da quantidade de meninas e mulheres dadas ao encontro. São meninas e mulheres que compartilham modos de ser e de sentir a partir de singularidades e elaboram seus escritos partindo de uma vivência. Uma *escrevivência*, nos diz Conceição Evaristo²².

Retomo o áudio.

Sou arremessada por mim mesma ao lugar onde guardo lembranças as quais instituí a maternidade como fragilidade. É uma surpresa. A voz que me ocupa se compõe de doce rouquidão. De seus versos, o manifesto de uma mulher que gesta bebê e poesia. Gesta,

²¹ Referência à música “Paula e Bebeto”, composição de Milton Nascimento e Caetano Veloso.

²² Escrevivência é um conceito criado pela intelectual e escritora Conceição Evaristo. Além da leitura de sua dissertação - onde o conceito é cunhado - é possível saber um pouco mais assistindo a entrevista disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=QXopKuvxevY>. Acesso: 13 de jun. de 2021

solitária, o bebê e a poesia. Não se guarda em fragilidades, tampouco se fecha à capacidade criativa. Que outro lugar uma mulher em condições gestacionais traria para a roda um escrito poético?

Custo a discernir se o espanto se dá pela constatação de que sim, se faz poema em um corpo fecundado [seria possível em outro?]. Ou se o espanto vem pela percepção de que o meu corpo ainda reverbera marcas da redução.

RUÍDOS DA MEMÓRIA: PALÁCIO DOS ESTUDANTES

*Eu não vou sucumbir!
 Diante de tudo posto, eu não
 vou sucumbir. Ainda que me apresentem
 modos de ser em manufatura, não vou.
 Ainda que a vida esteja
 permanentemente em obliteração, não
 vou. Ainda que o discurso vociferado
 seja o de que nenhum movimento é
 possível, não vou. Ainda que os espaços
 de comunhão estejam impedidos, não
 vou. Ainda que a queda do céu seja
 inevitável, não vou. Ainda que
 capturada pelo desânimo, não vou.
 Ainda que a morte seja anunciada com o
 escopo de rentabilidade, não vou.
 Não cedo, não sucumbo, não
 vou!*

Experimentação poética da autora

Slam?!

Paraná!

Sede da União Paranaense dos Estudantes. Etapa regional do campeonato de batalha de poesia falada. Nenhum registro se fez no caderno de anotações, tampouco uma película fotográfica encontrei, mesmo que difusa, para guiar o traçado desta paisagem.

O palpite é de uma captura intensa de minha atenção!

Meu corpo - não o etéreo - põe-se diante da janela. Por um bom tempo, deixo meu olhar se ocupar da rua, que insiste em se mostrar movente por entre as grades.

Desta vez, não me dou ao conflito.

O meu corpo aprendente segue tateando modos de instaurar as paisagens da pesquisa, daqui onde estou. Corpo parado que olha a rua movente. Corpo movente parado.

Ajusto os fones.

Os ruídos que compõem esta memória são intensificados pelos risos, aplausos, reações expressas em murmúrios simultâneos, representativos de corpos aplacados pela potência dos versos. Ora mais próximos, ora mais distantes.

A configuração do espaço se deu diferente, lembro. Configuração desfigurante, mesmo sem intenção, do jeito costumeiro de fazer *slam*. Dos círculos ao chão – imagem que remete a práticas ancestrais de estar juntos –, expostos a tudo que a rua nos mostra sem perguntar,²³ para cadeiras enfileiradas de modo regular. Demarcação um tanto conhecida na prática docente. Limita-se à estada do corpo-estudante na intenção do controle. Controle daquilo que atemoriza pelo grau de potência. É o perigo do vivo. Mas o corpo, sabemos, sempre escapa (KASPER, 2011). O meu, fez comunhão com o chão. Outros foram chegando e fazendo irmandade comigo.

Slam?!

Paraná!

O *mic* aberto principia com performance. No acústico das caixas, o inconfundível tom da voz rouca e grave de Elza, avisa:

Eu não vou sucumbir

Eu não vou sucumbir

Avisa na hora que tremer o chão

*Amiga, é agora, segura a minha mão[...]*²⁴

Em sua nova versão, é a própria vida que o capital se apropria; mais precisamente, de sua potência de criação e transformação na emergência mesma de seu impulso - ou seja, sua essência germinativa -, bem como da cooperação da qual tal potência depende para que se efetue em sua singularidade. A força vital de criação e cooperação é assim canalizada pelo regime para que construa o mundo segundo seus desígnios. Em outras palavras, em sua nova versão é a própria pulsão de criação individual e coletiva de novas formas de existência, suas funções, seus códigos e suas representações que o capital explora, fazendo dela seu motor. (ROLNIK, 2018, p. 32-33)

²³ Outra lembrança que fez morada em mim após mais uma das tantas conversas com o grupo de orientação *SemNomeAinda*. “A cidade não pergunta o que a gente quer ver!” - Thalita Sejanos

²⁴ Trecho da música “Libertação”, de Elza Soares.

A vida tomada de assalto para se manufaturar. Singularizações dão espaço a subjetividades “*copia e cola*”. Subjetividades capitalísticas. Reconhecimento em grande escala. A vida tornou-se matéria de extorsão. Quase não sonhamos, quase não criamos, quase não nos damos a encontros. Individualidade cooptada pelo dispositivo de serialização.

Multiplicação dos mesmos.

Dos desejos, pouco sabemos quais são produzidos de modo singular e quais são repetições publicizadas da vida. Não sucumbir passa a ser a via urgente de manutenção da vida em sua singularidade criativa. Constitui-se, pois, territórios onde seja possível dar vazão à vida, aos afetos, aos encontros.

O *slam* é um território!

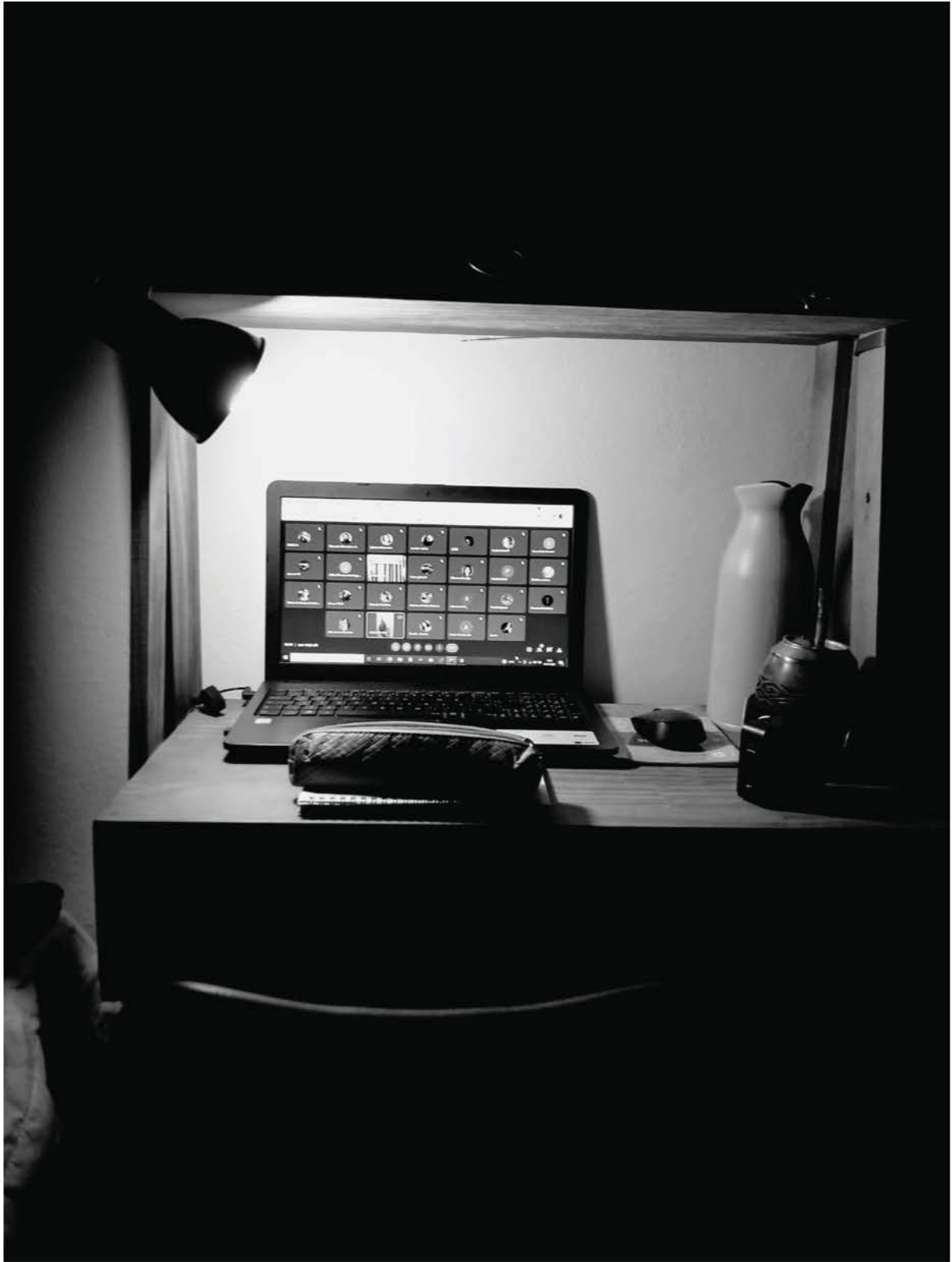
A essa máquina de produção de subjetividade eu oporia a ideia de que é possível desenvolver modos de subjetivação singulares, aquilo que poderíamos chamar de *processos de singularização*; uma maneira de recusar todos esses modos de encodificação pré-estabelecidos, todos esses modos de manipulação e de telecomando, usá-los para construir, de certa forma, modos de sensibilidade, modos de relação com outro, modos de produção, modos de criatividade que produzam uma subjetividade singular. Uma singularização existencial que coincida com um desejo, com gosto de viver, com uma vontade de construir o mundo no qual nos encontramos com a instauração de dispositivos para mudar os tipos de sociedade, os tipos de valores que não são os nossos. (GUATTARI; ROLNIK, 1996. p. 16-17)

Cartografias singularizantes se mostram a cada batalha. Dos mapas que vieram após o clamor primeiro do *mic* aberto, ressoou um contínuo “não sucumbir!”.

O traço comum entre os diferentes processos de singularização é um devir diferencial que recusa a subjetivação capitalística. Isso se sente por um calor nas relações, por determinada maneira de desejar, por uma afirmação positiva da criatividade, por uma vontade de amar, por uma vontade de simplesmente viver ou sobreviver, pela multiplicidade dessas vontades. É preciso abrir espaço para que isso aconteça. O desejo só pode ser vivido em vetores de singularidade. (GUATTARI; ROLNIK, 1996, p.47)

Um corpo abusado, não sucumbir!

Um corpo construído como objeto, não sucumbir!







IV. UMA CARTOGRAFIA NO POSSÍVEL DO AGORA

*Escreve-se sempre para dar a vida, para liberar a vida aí
onde ela está aprisionada, para traçar linhas de fuga.*
Gilles Deleuze – *Conversações*

Ladear corpos.

Instaurar palco.

Não mais na ajustada composição circular desses, ao chão. O cenário impõe a sintetização dos corpos em rostos planificados na tela do computador. Sintetização retangular.

Criar com os mundos em desmanchamento. Compor linhas de fuga que garantam a continuidade da vida.

Vida que se compõe em versos.

Vida que pulsa nos versos!

O *slam* das Gurias passou a ocupar os territórios virtuais em março de 2020. Pequenas gravações gotejando lirismo eram lançadas em sua página no Instagram. No lugar dos aplausos e gritos de agrado [ou desagrado], algoritmos se traduziam em curtidas e comentários. O calor da presença configurado em fórmulas matemáticas. Computáveis.

De cada película, o projetar de um palco composto de forma peculiar: guarda-roupa entreaberto, paredes inacabadas, porta convidando à saída, penumbra ou amarelado sol pintavam o cenário.

Veza ou outra, propunham encontros em *lives*. Ao invés do pátio do campus da Reitoria, espaços domésticos eram exibidos em sobreposição. A divisão da tela – recurso que diluía a aparente solidão da poeta – nos atirava à fabulação sobre as existências que ali se apresentavam. Atenção dividida entre a poética dos versos declamados e a poética do espaço ocupado.

A retomada das batalhas competitivas também se deu.

Salas virtuais que se abrem uma vez ao mês. Agora, em tardes de domingos.

A insistência em se manter criando mesmo em condições adversas diz de vidas que não se renderam à expropriação da pulsão vital, não se deram à cafetinagem (ROLNIK, 2018).

Períodos de convulsão são sempre os mais difíceis de viver, mas é neles também que a vida grita mais alto e desperta aqueles que ainda não sucumbiram integralmente à condição de zumbis – uma condição a que estamos todos destinados pela cafetinagem da pulsão vital. Vale assinalar que em sua dobra financeirizada, o regime colonial-capitalístico exerce essa sua sedução perversa sobre o desejo cada vez mais violenta e refinadamente, levando-o a se entregar ainda mais gozadamente ao abuso. Nesse grau de expropriação da vida, um sinal de alarme dispara nas subjetividades: a pulsão se põe então em movimento e o desejo é convocado a agir. E quando se logra manter em mãos as rédeas da pulsão, tende a irromper-se um trabalho coletivo de pensamento-criação que materializado em ações busca fazer com que a vida persevere e ganhe um novo equilíbrio. (ROLNIK, 2018, p. 25)

A escrita faz morada na liberdade. Mas somente se utilizada a golpes de martelo. Ação micropolítica. Operar pelas palavras a potência do vivo. Recompôr mundos em desmanchamento. Falar, escrever, cantar. Formas de fabular os possíveis.

A escrita faz morada na liberdade!

É necessário retomar os gestos de instauração de outros tempos. Evocar outras dimensões afetivas que reorganizem corpos e mundos. Fissurar a realidade dada. Acionar a potência vital.

Criar!

V. UMA CARTOGRAFIA DO POÉTICO

*Há quem receite a palavra ao ponto de osso, de oco; o
ponto de ninguém e de nuvem.
Sou mais a palavra com febre, decaída, fodida, na
sarjeta.
Sou mais a palavra ao ponto de entulho.
Amo arrastar algumas no caco de vidro, envergá-las pro
chão, corrompê-las
até que padeçam de mim e me sujem de branco.
Sonho exercer com elas o ofício de criado:
usá-las como quem usa brincos
Manoel de Barros – Meu quintal é maior do que o
mundo*

Per via di porre.

Per via di levare.

Expressões acolhidas em troca de áudios. Conversa despreziosa na hora do almoço. Um dos momentos em que suspendíamos, de um lado, o lavar da escrita dissertativa; do outro, as páginas quase infindas de revisão. Era o nosso combinado. Precisávamos fazer a roda girar durante o tempo estabelecido como silêncio até que o corpo clamasse pela pausa e pelo alimento.

Cortar rodelas de cebola.

Macerar o alho.

Formar cubinhos com o *pomodoro*.

Dourá-los em azeite de oliva.

Salpicar tudo com zaatar. Um arroubó!

Foi no entre sentidos – auditivo e gustativo – que lhe ocorreu lembrar de um texto em que Sigmund Freud discorre, ao que parece, sobre a distinção entre dois modos de condução psicanalítica. Ouvi atenta. Quase nada sei sobre psicanálise. Vez ou outra arrisco pequenas fabulações. Brinco. Captura das inúmeras divagações a dois. Mas, me pegou mesmo a imagem.

Per via di porre.

Per via di levare.

Expressões que operam processos artísticos de criação. Por meio delas, Leonardo da Vinci diz como a pintura e a escultura são geridas. Da pintura, aplica-se *per via di porre*. Da escultura, retira-se *per via di levare*. Movimentos aludidos por Freud para dizer a singularidade do fazer psicanalítico. Mas, me pegou mesmo a imagem.

Cartografar junto ao *slam* das Gurias diz de um labor de escrita no qual torna-se imprescindível um talhar que retire excessos. Da *ferramenta*-palavra espera-se uma composição que não escape aos detalhes. A performance do corpo, da voz, do espaço pede uma aparição pela escrita. Reforço – assim como Manoel de Barros (2015) – minha recusa em fazê-la por palavras cansadas. Busco por aquelas que se apresentam plásticas, despertas, maleáveis. As quais se deixem manusear junto à constituição dos territórios existenciais que se revelam.

A busca é por um dizer que manifeste a experiência resultante deste encontro. E “a experiência exige outra linguagem transpassada de paixão, capaz de enunciar singularmente o singular, de incorporar a incerteza” (LARROSA, 2020, p. 69)

Uma escrita *per via de levare*, afinal.

COMPOR TEIAS POÉTICAS

Cartografia do poético em revisitação aos áudios gravados das batalhas ocorridas on-line. Dar a ouvi-las mais devagar. Alinhar os versos as vozes os afetos.

I.

quando eu era mais nova, engoli a aranha do meu jardim
desde então ela vem tecendo uma teia de medos dentro de mim
pensando qual medo ligar com qual, em qual tempo e em qual parte
e inspirada em meu corpo completamente vazio, coseu uma obra de arte
foi por isso que os médicos quando me abriram ficaram perplexos
não imaginavam que era um dos meus medos que regia meus reflexos
até porque o fio dessa teia que me prende, além de forte é muito grudento
ou seja, são eles - os medos - que medem e controlam meu movimento
inclusive eles próprios estão interligados, pois veja, eu tenho medo do futuro
porque enxergo ele como um ambiente mal iluminado, e tenho medo do escuro
porque então não consigo ver, e tenho medo de não achar o que procuro
eh a dona aranha é esperta, deixou ser engolida para se alimentar de mim no final
até tentei pedir ajuda, mas os médicos ficavam incrédulos e se matavam ainda no hospital
porque ninguém acredita na história da menina que engoliu a aranha do seu jardim
que desde então foi tecendo, dentro dela, uma teia de medos sem fim

Poeta Bianca Araújo²⁵ – sarau on-line *slam* das Gurias, julho de 2021²⁶

²⁵ Para outros textos da poeta: <https://biancaraujo01.medium.com/esbarr%C3%A3o-cc4fde3a4d08>. Acesso em: 17 de jan de 2022

²⁶ Estética textual mantida conforme enviado pela poeta.

Teia. Emaranhado de fios produzidos pelo fluido proteico que preenche glândulas localizadas no abdômen. Expelem dos tubos fiandeiros a quantidade exata da seda líquida. Em contato com o ar, enrijece.

Teia de captura.

Teia de cópula.

Teia de refúgio.

Teia de muda.

O *slam* das Gurias é território fiandeiro. A permanência dos saraus mesmo no isolado dos corpos e na ausência da rua diz – em grande medida – sobre um tramado que se fez forte, enrijecido.

O *slam* das Gurias é território resistente!

Do poema-*fio* lançado nas batalhas de rua o que se afirma é a urgência de um contínuo tear. Dar linha aos afetos que atravessam o corpo em isolamento. Tecer palavras de dizer os afetos.

O *slam* é território fiandeiro!

Trouxe para a roda os medos tecidos no vazio do corpo habitado por uma aranha engolida. Poeta estreante no sarau. A timidez da voz contrastava com a imagem que se alinhavava nos versos. Voz líquida lançando rimas que, em contato com o ar, faziam-se enrijecidas pela força presente nelas mesmas. Narrativa poética de uma condição da existência que – arrisco – torna-se mais branda pelo movimento mesmo da partilha.

É urgente o contínuo tear!

O M.C., o *slammer*, o poeta do sarau são esses caras que toda cultura teve, o porta voz de alguma coisa que a comunidade precisa dizer. Ele elabora esteticamente com a palavra a transforma em poesia e diz em nome de pessoas (o que) às vezes não podem dizer.

Roberta Estrela D’Alva

E a favela chora
 Enquanto o bolso do milionário cresce
 A miséria nos devora
 Enquanto uns estudam on-line
 Outros assistem de fora
 E diretamente da sacada
 Penso: o índice de suicídio aflora
 E o que que eu faço agora?!
 Não tem saúde,
 Não tem emprego
 Aluguel atrasado
 Ordem de despejo
 “Estamos no mesmo barco” – palavras ditas de um senhor
 Mas esqueceram da nossa classe
 Nem colete salva-vidas sobrou
 São vários os problemas
 Hospital tá lotado
 E cheio de negligência
 E o dinheiro da saúde
 Perdido em algum esquema
 O da educação
 Nem se comenta
 Quem dirá o da merenda
 Bendito seja o pão, fé e a água de nos alimenta
 O pouco leite que amamenta
 A coberta que nos esquenta
 ...
 {ruídos. Instabilidade na conexão. tela travada}

Poeta Iara – sarau on-line *slam* das Gurias, julho de 2021²⁷

²⁷ Transcrição feita a partir das gravações de áudios.

Teia de captura. Dar linha aos afetos que atravessam o corpo em isolamento. Seguir no contínuo tear para que o corpo não sucumba aos excessos deste tempo. Fazer da palavra a lançadeira que vai fiando no poético uma enunciação coletiva. Tece rima, tece verso, tece vida. O feitiço poético como espaço de elaboração de sentido dos afetos que capturam o corpo. Ou da falta de sentido deles.

O poema como lugar de luta amorosa pela afirmação da vida.

QUEM VENCE SEMPRE É A POESIA!

slam das Gurias

III.

*“Dandara do meu quilombo²⁸
 Me faz livre voar
 Rainha do meu congo
 Me dá forças pra lutar...”*

Caneta é papel na mão
 Hoje voltou a ser o remédio
 Contra toda depressão

...

{ruídos. Instabilidade na conexão. tela travada}

Eu tô tentando recorrer às palavras
 Depositando no papel
 Marcando na história
 Toda minha estrada
 Depois de anos
 Chegou a hora de bater de frente
 Com todo o sistema
 Com toda a injustiça e opressão vivente
 Sou mina preta, forte e sobrevivente
 Sempre estive aqui
 Silenciada, desacreditada
 Mas sempre tive força resistente
 Eu tô aqui pra representar
 As mina potente
 Principalmente as minha preta

...

Ser ponte para as minha mana
 E juntas
 Quebrar corrente
 Muito já desacreditada
 Voltei das cinzas
 E agora eu quero ver
 Quem me para

...

Minhas ancestrais fizeram sua parte

...

Poeta Mar – sarau on-line *slam* das Gurias, março de 2021.

²⁸ Trecho da música *Dandara* de Nina Oliveira.

Teia de refúgio. Elaboração da realidade em tessitura poética. Coser com linhas ancestrais o contínuo da existência, olhar para ele e fabular outras. Compor com a palavra modos de existir. Resistir pela palavra em travessia aos desertos que surgem. Ser rio no deserto. Devolver ao corpo a sacralização da criação. Criar como vivo. Dar refúgio aos afetos até que se tornem linhas de escrita e produzam realidades. Múltiplas realidades.

IV.

*Caneta aposentada*²⁹

As vezes parece que aposentei a caneta
Tô cansada de gastar tinta
Ando economizando letra
E palavra
Porque uma dita
De várias formas interpretada
Me afastar da obrigação me fez lembrar porque a poesia é minha casa
Sempre foi leve e começou a pesar
Era uma forma de escapar do caos e a calma do meu lar
Nunca me senti tão insegura
A não ser quando tô sozinha na rua
Me expressar pela escrita sempre foi por amor e não por obrigação
Mas depois de um tempo senti muita pressão
Responsabilidade
Precisava de um tempo pra mim pra cuidar da minha sanidade
Entender os motivos
Fica difícil quando não entendemos nem porque estamos vivos
Quando forçamos falsos sorrisos
Hoje me sinto melhor
Isso mudou não só aqui dentro mas ao meu redor
Me fez mais forte mesmo que de forma dolorosa
Valorizo meus amigos e nossas prosas
Meu cheirinho
Meu amor que me lembrou meu valor e que mereço carinho
Chegou no coração pegando cantinhos
Hoje é um dos motivos do meu real sorriso
E no fim das contas tudo me lembra
Que poesia me acalenta
Me traz paz e orienta
Que não é pros outros entenderem mas sou grata a quem tenta
E sou grata a minha vida e pela poesia que me sustenta.

Poeta Mare

²⁹ Estética textual mantida conforme enviado pela poeta. Disponível em: <https://poesiacafemelancolia.wordpress.com/>. Acesso em: 20 de jan de 2022.

Teia de cópula. A palavra também faz morada no silêncio. Gestada com as intensidades de um tempo aborrecido, fecunda poéticas de afirmação da vida. Luta amorosa pela palavra poética.







VI. DAS JANELAS À RUA

*A miudeza do cotidiano, em que a vida não para, é o que ainda me
salva*
Luiz Antonio Simas

4 de dezembro de 2021. Sábado. Cidade Industrial de Curitiba. CIC. Vila Nossa Senhora da Luz. Periferia. Reencontro com o *slam* na rua. *Slam* Poder Popular é o nome. Batalha de poesia que ocorre deste lado da cidade. Há tempos não me deixava levar pelo circular. Aglomeração de corpos em um veículo público. Rostos mascarados arrastam o cansaço acumulado da semana de trabalho. Tarde de sol. Aglomerados corpos se deixam balançar num veículo conduzido com pressa. Um cansaço que se arrasta. A vila Nossa Senhora da Luz carrega, dentro da tradição católica, um dos nomes dados à mãe de Jesus.

Senhora que aclara os caminhos.

Senhora que se torna olhos para os cegos, dizem seus devotos.

Tem, como histórico, a marca de ser o primeiro conjunto de habitações populares do país. O ano é 1966. Abrigo popular como mecanismo de afastamento. Retirar do alcance dos olhos “do progresso” os corpos minorizados. Corpos *empobrecidos*. Desembarco. Uma profusão de sons, cores e gentes pululam em minha frente. Há tempos não circulava entre tantos. E são tantos os tantos que cruzam meu caminho...

Caminho.

Sigo meio sem saber ao certo se é certo o caminho que faço. “É possível chegar a pé do terminal”, dizia o chamado do *slam*.

Caminho.

Peço informações aqui e ali.

Caminho.

Para se chegar à praça central – localizada diante da Igreja Nossa Senhora da Luz – lugar escolhido para a batalha de *slam* – é preciso adentrar ao estreito das ruas. Ruelas ladeadas por casas de feições gêmeas que se grudam ajustadinhas como se em procissão. Ajustadinho indício da parte que lhes coube deste latifúndio, como musicou Chico sobre o severo da vida.

Feições gêmeas, mas de cores e descolores diversos. Azuladas, rosadas, descascadas, manchadas, abandonadas.

Caminho.

E ao caminhar, a rua transmuta o diverso das cores no diverso dos sons. Entre hinos, sambas, funks, sertanejos e música preta sigo a trilha. Em uma garagem escura, um homem e uma mulher cantam e dançam diante da caixa de som. Nossos olhares se cruzam. Sorrio. Eles sorriem também como a me convidar para um *dance* de três pessoas só.

Caminho.

Chego a um muro alto e de extensão quase infinda. Uma escola, suponho. Do outro lado, uma pracinha arborizada se abre a fabulações sobre dias de sossego. Espaço do aprender e espaço do lazer separados pelo muro alto de extensão quase infinda.

Caminho.

A praça central dá sinais de surgimento. Amplo gramado, quadra de areia, cancha de bocha, mesinhas de cimento e a Igreja Nossa Senhora da Luz compõem a cena inicial.

Me aproximo.

Algumas poucas pessoas abrigadas debaixo de uma barraca de cobertura vermelha e outras tantas ao seu redor vizinhavam com um varal salpicado de roupas. “O evento vai ocupar a praça central com um bazar barateza”, dizia o chamado do *slam*. Batucada. Indícios de ser ali o lugar que procuro.

Me aproximo.

Ganho de uma delas o exemplar do Zine da Juventude da CIC. Lançamento da terceira edição. Acomodada na sombra de uma árvore me dou a ler. Vez ou outra arredo meu olhar do papel e me deixo na paisagem composta. Uma outra movimentação se desenha. Dois jovens fazem rápidas corridas para lá e para cá, para lá e para cá. Erguem pequenos tufo de grama, retiram dali pacotinhos e entregam aos carros parados diante da igreja. Repetem isso muitas vezes. Muitas vezes. E muitos são os carros que ali param.

A batalha começa.

No *mic* aberto, um rapper da comunidade canta a comunidade. Enunciação coletiva numa poética visceral. O paradoxo de ter um Teatro da Vila em que os artistas da vila não podem pisar. Paradoxo?

A batalha começa.

Atravessando a praça, um casal de idosos negros se aproxima trazendo um garrafão de vinho. Postura curiosa sobre o que poderia estar acontecendo na roda. Ela senta em uma das poucas cadeiras que foram disponibilizadas para o evento. Ele, em pé logo atrás, serve-se da bebida trazida. Pouso meu olhar por um tempo nesta cena. Tento imaginar como cada verso lançado pode encontrar acolhimento em suas peles. E, se acolhidos, quais memórias e sonhos e revoltas produzem. Tento imaginar. Ela mantém um olhar sério e atento a cada poeta. Ele, um espaçoso sorriso. Disperso minha atenção das declamações e me demoro ali, na poética do casal.

Meu olhar escapa.

Passa a acompanhar o ir e vir de um menino. Ajustado num sorriso também. Mas é no gesto de esfregar a mão no braço, dizendo do arrepio sentido assim que – suponho - as rimas tocavam sua pele, que sua presença se instituiu. Alternava o ir e vir com uma pausa para repetir o gesto. Esfrega da mão no braço. No intervalo entre uma fase e outra da batalha, foi convidado a apresentar sua arte. O ir e vir continuou mesmo estando no centro da roda. Um pouco mais contido, percebo. Disse seu nome, agradeceu o espaço cedido e sugeriu uma cantoria.

Um estrondo!

Sua voz saiu como um estrondo. Não só meu braço, mas meu corpo todo, do direito ao avesso, estremeceu.

É a vida em plena afirmação!

VII. UMA POÉTICA EM TRAVESSIA

Portanto, pergunta o “que faço aqui?” também tem a ver com a problematização dos lugares nos quais nos sentimos totalmente vivos. E a questão, então, é, se o lugar da investigação é, ou pode ser, também, um lugar de vida, e se isso que chamamos de investigação é, ou pode ser, também, uma atividade vital.

Jorge Larrosa – Pedagogia Profana

A escrita como um acontecimento!

Uma cartografia enredada com os limites do possível. Olhar por frestas. Compor com o suspenso da rua. Compor com o suspenso da escola. Compor com o estático das coisas. Mover. Inventar realidades em travessia ao caos. Com o caos. Aprender a estar com as coisas em outro tempo. Criar um tempo de estar. Desadormecer o corpo pesquisadora-professora-escritora na experiência do encontro. Dos encontros. “*O que faço aqui?*”. Faço! Elaboro com a única via existente: a do vivo. Enredo uma cartografia com os limites do possível. Fricciono com a vida na radicalidade dela mesma. Entro em deriva. Mergulho sem ao menos saber dos movimentos triviais do nadar. E nado. Fabulo com as águas que visitam meu corpo em cochilo e molham meus sonhos. Fabulo e transbordo. Transbordo para a sala de aula águas que fecundam outros modos de estar. Transbordo para a escrita águas que fecundam outros modos de dizer. E digo.

A escrita como um acontecimento do encontro!

REFERÊNCIAS

- ANZALDÚA, Gloria. Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo. **Revista Estudos Feministas**. CFCH/UFSC. v. 8, n. 1, p. 229-235. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/9880/9106>. Acesso em: 12 de out. de 2021.
- BARROS, Manoel de. **Meu quintal é maior do que o mundo**. 1. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2015.
- CARNEIRO, G. C.; KASPER, K. M.. *Slam*: na engrenagem, a contramola que resiste! In: 22 Congresso de Leitura do Brasil, 2021, Campinas. **Caderno de resumos do Congresso de Leitura do Brasil**, 2021. v. 1.
- D'ALVA, Roberta Estrela. Um microfone na mão e uma ideia na cabeça – o poetry *slam* entra em cena. In: **Synergies Brésil; Sylvains les Moulins** Ed. 9, (2011): 119-126. Disponível em: <http://gerflint.fr/Base/Bresil9/bresil9.html>. Acesso em: 26 de set. de 2021.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Kafka: Por uma Literatura Menor**. Tradução de Júlio Castañon Guimarães. Rio de Janeiro: Imago, 1977.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs: Capitalismo e esquizofrenia**. Tradução de: NETO, Aurélio Guerra; COSTA, Célia Pinto. 2. ed. Rio de Janeiro: Ed. 34, 2011. v.1.
- FOUCAULT, Michel. **O corpo utópico, as heterotopias**; posfácio de Daniel Detert. Tradução de: Salma Tannus Muchail. São Paulo: n-1 Edições, 2013.
- GALLO, Sílvio. Em torno de uma educação menor. **Educação & Realidade**. v.27, n.2, jul/dez 2002 publicação semestral da FACEDIUFRGS. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/25926/0>. Acesso em: 14 de jul. de 2021
- GALLO, Sílvio et al. **Educação Menor: conceitos e experimentações**. Grupo Transversal. 2. ed. Curitiba: Appris, 2015.
- GALLO, Sílvio. **Deleuze & a Educação**. 3. ed.; 1. reimp. - Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.
- GALLO, S.; MONTEIRO, A. Educação menor como dispositivo potencializador de uma escola outra. **REMATEC**, [S. l.], v. 15, n. 33, p. 185-200, 2020. Disponível em: <http://www.rematec.net.br/index.php/rematec/article/view/228>. Acesso em: 4 de jun. de 2021.

GUATTARI, Félix; ROLNIK, Sueli. **Micropolítica: cartografias do desejo**. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1996.

KASPER, K. M. Perambulações entre travessias e devires em cartografias de-formativas. In: VICENTINI, Paula Perin; CUNHA, Jorge Luiz da; CARDOSO, Lilian Auxiliadora Maciel. (Org.). **Experiências formativas e práticas de iniciação à docência**. 1ed. Curitiba: CRV, 2016, v. 2, p. 295-314).

KASPER, K. M. Experimentar, devir, contagiar: o que pode um corpo? **Pro-Posições**, Campinas, SP, v. 20, n. 3, p. 199–213, 2016. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/proposic/article/view/8643397>. Acesso em: 12 out. 2021.

KASPER, K. M.; LIMA, A. P. TRAVESSIAS. **Revista Observatório**, v. 4, n. 1, p. 167-175, 1 jan. 2018. Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/observatorio/article/view/4578>. Acesso em: 6 de mai. de 2021.

KASPER, K. M.; LIMA, A. P.; TÓFFOLI, G. de S. Heterotopias. **ETD - Educação Temática Digital**, Campinas, SP, v. 21, n. 4, p. 1013–1025, 2019. DOI: 10.20396/etd.v21i4.8652679. Disponível em: www.periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/etd/article/view/8652679. Acesso em: 29 set. 2021.

KASPER, K. M. ; TÓFFOLI, G. de S. Errâncias: cartografias em trajetos de-formativos. **Leitura: Teoria & Prática**, Campinas, São Paulo, v.36, n.72, p.85-98, 2018. Disponível em: <https://ltp.emnuvens.com.br/ltp/article/view/666/444>. Acesso em: 17 de ago. de 2021.

KASPER, K. M.; TOFFOLI, G. S.; SEJANES, T. A.; BARROS, M. P. Desaprendizagens na ressonância dos encontros. **Leitura: Teoria & Prática**, v. 39, p. 121-139, 2021.

LAPOUJADE, David. **As existências mínimas**. São Paulo: n-1edições, 2017

LARROSA, Jorge. *Pedagogia Profana: danças, piruetas e mascaradas*. Tradução da primeira edição: Alfredo Veiga-Neto. 6.ed. rev. amp.; 1. reimp. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

LARROSA, Jorge. O ensaio e a escrita acadêmica. **Educação & Realidade**. v. 28, n. 2 (2003) p. 101-115. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Educação. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/issue/view/Issue/1563/378>. Acesso em: 12 de out. de 2021.

LARROSA, Jorge. A operação ensaio: sobre o ensaiar e o ensaiar-se no pensamento, na escrita e na vida. **Educação & Realidade**. v. 29, n. 1 (2004) p. 27-43. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Educação. Disponível em:

<https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/issue/viewIssue/1554/379>. Acesso em: 12 de out. de 2021.

LARROSA, Jorge. (2011). EXPERIÊNCIA E ALTERIDADE EM EDUCAÇÃO. **Reflexão E Ação**, 19(2), 04-27. <https://doi.org/10.17058/rea.v19i2.2444>. Acesso em: 10 de jan. de 2022.

LARROSA, Jorge. **Tremores: escritos sobre experiência**. Tradução Cristina Antunes, João Wanderley Geraldi. 1. ed.; 5. reimp. - Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2020.

LISPECTOR, Clarice. Amor. In: **Laços de Família**. 20a ed., Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1990, p. 29-41.

MOSÉ, Viviane. **Pensamento chão – poemas em prosa e verso**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2000.

NASCIMENTO, Roberta Marques do. **Vocigrafias**. 2019. XXf. Tese (Doutorado em Comunicação e Semiótica) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2019. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/bitstream/handle/23073/2/Roberta%20Marques%20do%20Nascimento.pdf>. Acesso em: 26 de set. de 2021.

PASSOS, Eduardo et al. **Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade** / orgs. Eduardo Passos, Virgínia Kastrup e Lílina da Escóssia. - Porto Alegre: Sulina, 2015.

PROJETO NOSSA VILA. Disponível em: <https://projetonossavila.wordpress.com/nossa-vila/>. Acesso em: 10 de jan. de 2022

RODRIGUES, Patrícia. **SLAM - A poesia está viva e no meio de nós: proposta de um letramento literário por meio das batalhas de poesia**. Disponível em: <http://sites-mitte.com.br/anais/simelp/resumos/PDF-trab-0263-1.pdf>. Acesso em: 23 de ago. 2020, p.3

ROLNIK, Suely. **Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo**. 2. ed. Porto Alegre, Sulina: Ed. UFRGS, 2016. ROLNIK, Suely.

ROLNIK, Suely. **Esferas da insurreição: notas para uma vida não cafetinada**. São Paulo: n-1edições, 2018.

SEQUEIRA, Rosane Preciosa. **Rumores discretos da subjetividade** (Tese de doutoramento). Disponível em: <https://repositorio.pucsp.br/jspui/handle/handle/15605>. Acesso em: 19 de mai. de 2021.

SILVA, Caio Ruano da; LOSEKANN, Cristiana. **SLAM POETRY como confronto nas ruas e nas escolas**. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73302020000102007&lang=pt. Acesso em: 23 de ago. de 2020

SILVA, C. V. da; KASPER, K. M. Diferença como abertura de mundos possíveis: aprendizagem e alteridade. **Educação e Filosofia**, v. 28, p. 711-728, 2014. Disponível em: www.seer.ufu.br/index.php/EducacaoFilosofia/article/view/22815. Acesso em: 13 de jun de 2021.

SIMAS, Luiz Antonio. **O corpo encantado das ruas**. 5. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2020.

Slam das Gurias. **Slam da Gurias Recita**. Curitiba. 27 jul 2020. Disponível em: <https://www.instagram.com/samdasguriascwb/?hl=pt-br>. Acesso em: 15 de mar. de 2021.

SOARES, Elza. Libertação: **Planeta Fome** [2019]. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=6XrCS1GI2ec>. Acesso em: 6 de fev de 2022.

Neves, C. A. B. (2017). Slams - letramentos literários de reexistência ao/no mundo contemporâneo. **Linha D'Água**, 30(2), 92-112. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2236-4242.v30i2p92-112>. Acesso em: 23 de ago. de 2020.

APÊNDICE

[diz da narrativa fabulada para a banca de qualificação]

Mais uma vez, é diante da janela de meu quarto que me coloco para a escrita deste texto. À deriva, espero despretensiosamente por aquilo que constituirá matéria de expressão desses traços. Tarde de terça-feira. Entre os muitos ruídos que capturam minha atenção - buzina de carro, frenagem do circular e o canto do pitiguari, ave que só dei a notar pelo isolado dos meses passados diante da janela de meu quarto - concedo-me ao insistente aspirador de pó. Pensei que a prática de mover para lá e para cá o aparelho que aspira para dentro de uma película tudo aquilo que denuncia nossa presença em um espaço [fio de cabelo, farelo de bolacha, tarraxa do brinco, cinza de cigarro, pó de café...] [pensei que essa prática] se assemelha a tudo que vamos escondendo, mesmo sem nos darmos conta, debaixo de nossa pele.

Essa imagem me ocorreu porque do encontro com o *Slam* das Gurias e com o grupo de pesquisa e com as leituras e com o isolamento...fui retirando, a cada camada de pele, parte desse pó que trazia vestígios das muitas presenças (e ausências) atravessadas em meu corpo. É como se acionasse um botão de reverso e o aparelho de aspirar jorrasse os atravessamentos todos que me compunham. Certo. Mas, o que fazer com tudo isso?

Talvez, a questão esteja mais ligada a não saber como dizê-los e em que língua dizê-los do que por não saber o que fazer com tudo.

Ao revisitar minha escrita dissertativa para pensar junto a ela a elaboração deste, me dou a percorrer vagarosamente cada uma de suas linhas. Leio e releio trechos e, vez ou outra, tropeço em palavras e sentenças e na estética de sua construção. É possível dizer da tentativa de instauração de um espaço de experimentação da linguagem. É possível dizer da proposição em encontrar uma língua de dizer meus atravessamentos. E é possível ainda, como sugere Suely Rolnik, dizer sobre "dar língua aos afetos que pedem passagem".

Considerarei isto: encontrar uma língua de dizer os afetos quando do encontro com a batalha de poesia, por muito, se apresentou como um problema. Retomo as páginas do diário de

bordo e me deparo com anotações esparsas, palavras deslocadas, início de frases. Nunca um texto no qual o registro conste um relato expansivo do que se passou e como se passou o encontro em mim. Anotações esparsas e palavras deslocadas dizem de um modo de operar com as intensidades que nos atravessam. Mas, ao revisitar minha escrita dissertativa, sinto que o que se passava exigia expansão.

Insisto em pensar uma língua que diga dos afetos porque o coletivo que acompanho perfaz um espaço de escrita. O slam das Gurias é uma batalha de poesia falada que ocupa a rua e instaura um território onde meninas e mulheres - mas não só - ouvem e declamam seus textos. Um coletivo que vê na escrita poética um modo de existência. Que fricciona com a vida da rua.

Cheguei nesse espaço por meio de um convite. Desconhecia a prática do *slam* como um acontecimento presente em vários lugares do mundo. Já na primeira batalha, fui arrebatada. Um turbilhão de sentimentos e ideias foram ocupando meu corpo. A professora em mim quis logo elaborar uma prática e levar à escola. Repetir passo a passo. Bobagem. Não sei se do modo como digo este encontro, agora mesmo enquanto escrevo, dá conta do que se passou em mim. Aqui, é possível operar com Larrosa quando diz que a experiência é algo que nos acontece, no corpo, enfim. Também diz que, ainda diante do mesmo acontecimento, o que passará em cada corpo difere. Repetir passo a passo é bobagem.

Então, ao mesmo tempo em que o *slam* ressoava aqui e se fazia experiência, ao mesmo tempo em que me propus a acompanhar esse espaço de criação, instou a necessidade de encontrar um modo de dizer essa experiência. E foi na constituição desta pesquisadora - há tempos afastada da academia - e nos encontros que se deram entre corpos isolados e nas muitas leituras partilhadas que reparei... bem ali...na poeira escondida sob minha pele, rastros de uma escritora.

Desde então, isso tem sido um acontecimento. Arrisco correlacionar aqui com dois modos de pensar o tempo. Um, enquanto *cronos*; outro, *aión*. Enquanto *cronos*, esse que se dá em relógios, calendários e tenta determinar quando algo acontece, esse me dizia que o tempo de

adentrar à pós-graduação já havia encerrado. Ficou lá atrás, visto que a juventude - também em termos cronológicos - é o lugar demarcado para nos dedicarmos a ocupar o espaço acadêmico. Também me diz, em alguma medida, que o ser escritora tem marcadores muito específicos e que se revelam logo cedo [não para Conceição Evaristo e sua estreia aos 44 anos, tampouco para Carolina Maria de Jesus, também aos 44 anos]. Mas o aión, diz de um tempo que é movimento... que é, segundo Walter Kohan, “a intensidade da vida humana [...] uma temporalidade não numerável nem sucessiva, intensiva.”

E essa intensidade da vida humana não numerável, não demarcável vem permeando minha pesquisa e constituindo modos de dizê-la.

E essa intensidade da vida humana não numerável, não demarcável vem movendo educações junto ao *slam* das Gurias. É com ela que sigo atravessando o isolamento, tecendo linhas poéticas, movendo encontros com meus estudantes e construindo minha cartografia. Em movimento contínuo. É com ela que me sentei diante da janela de meu quarto e compus este texto. O qual se ocupou de dizer dessa descoberta de mundos que tem sido acompanhar um espaço de escrita ao mesmo tempo em que minha escrita desponta.

Finalizo com Larrosa:

O que necessitamos talvez não seja uma língua que nos permita objetivar o mundo, uma língua que nos dê a verdade do que são as coisas, e sim uma língua que nos permita viver no mundo, fazer a experiência do mundo, e elaborar com outros o sentido (ou a ausência de sentido) do que nos acontece.

Jorge Larrosa - Tremores

Também é sobre isso!